

16
la
ca
TE





6/1000
500

J. G. Perle
18-9-95

HISTORIA UNIVERSAL

(NOÇÕES)

G. LEUZINGER & FILHOS - OUVIGOR 31 -- 4068 - 87

HISTORIA UNIVERSAL
(NOÇÕES)

HISTORIA ANTIGA
DO
ORIENTE

POR

JOÃO MARIA DA GAMA BERQUÓ

SUBSTITUTO DE HISTORIA E GEOGRAPHIA DO IMPERIAL
COLLEGIO D. PEDRO II.

I

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.^a
46 e 48, Rua de Gonçalves Dias, 46 e 48
1887

D. MELLADID TOLEDO Monteluzo

INTRODUÇÃO

I

I. Definição da Historia. — II. Divisões da Historia. —
III. Fontes historicas. — IV. Sciencias auxiliares da historia.)

I. — DEFINIÇÃO DA HISTORIA. — Historia é a sciencia que tem por fim tratar dos acontecimentos notaveis da vida da humanidade e estudar as leis que presidem ao progresso e decadencia das sociedades humanas.

II. — DIVISÕES DA HISTORIA. — A Historia universal (¹) que trata dos acontecimentos notaveis da historia dos povos que influiram no progresso humano, desde a apparição do homem até á actualidade, divide-se em :

(1) A historia, quando trata dos acontecimentos relativos a differentes povos num periodo determinado, denomina-se *Historia geral*; toma o nome de particular, quando trata da historia de um paiz ou de uma época da historia desse paiz.

A historia particular conforme os assumptos de que trata, denomina-se : ecclesiastica, diplomatica, parlamentar etc.

1.º *Historia antiga* desde a apparição do homem na terra até á quéda do Imperio do Occidente 476 ant. de Ch.

2.º *Historia da Idade Média* desde a quéda do Imperio do Occidente (476 ant. de Ch.) até á tomada de Constantinopla pelos turcos ottomanos 1453.

3.º *Historia moderna* da tomada de Constantinopla (1453) até á revolução franceza 1793.

4.º *Historia contemporanea* da revolução franceza 1793 até aos nossos dias.

III.— FONTES HISTORICAS.— Os documentos em que se basea o historiador para escrever a historia denominam-se *fontes historicas* e podem ser :

1.º *Tradicionaes* : como os cantos populares, lendas, contos etc.

2.º *Esriptos* : memorias, chronicas etc.

3.º *Monumentaes* : inscrições, tumulos, moedas, medalhas etc.

Na discriminação das fontes historicas deve o historiador empregar a *critica historica*.

IV.— SCIENCIAS AUXILIARES DA HISTORIA.— No estudo das fontes historicas, na sua interpretação, na disposição dos factos, que tem de narrar, recorre o historiador a differentes sciencias, denominadas, por isso, *auxiliares da historia*; as principaes são :

1.º A *Geographia*. Sciencia que trata da descripção da Terra e dos seus habitantes.

Divide-se geralmente em: *a) Mathematica* que trata da fôrma da Terra, da divisão mathematica da Terra e do céo, das leis e dos effeitos do duplo movimento do nosso planeta, das suas relações com os outros corpos celestes e do logar que occupa no systema do universo; *b) Physica*, que trata da conformação exterior da Terra, da sua divisão em terras e aguas, do clima, natureza do solo, productos das differentes regiões do Globo, *c) Politica*, que trata das divisões convencionaes da Terra, dos estados em que se divide, sua organização, população, commercio, industria etc. A Geographia politica, conforme as épocas em que descreve a Terra, divide-se em: *antiga, média, e moderna.*

2.º *Chronologia.* Sciencia que tem por fim determinar a época exacta em que um acontecimento se deu em relação a outro escolhido para começo de um periodo denominado *éra.* As éras principaes são: A das Olympiadas, 776 ant. de Ch. adoptada na Grecia; a da fundação de Roma, 754 ant. de Ch.; a *éra Christã* 4953 (Arte de verificar as datas) depois da creação do mundo; a *Hegiria* adoptada pelos musulmanos 662 ap. Ch.

3.º *Archeologia.* Sciencia que tem por fim estudar todos os monumentos, obra dos homens e que segundo as épocas, que estuda, divide-se em: *a) Prehistorica*, quando trata dos vestigios da civi-

lisação da humanidade primitiva; *b) Oriental*, quando estuda os monumentos das grandes civilizações do Oriente: Egypto, Assyria etc; *c) Greco-Romana*, quando trata da civilização dos Gregos e dos Romanos; *d) Christã*, quando estuda os monumentos devidos á influencia do Christianismo.

A Archeologia comprehende: *a)* a Epigraphia, decifração das inscripções etc; *b)* a Diplomatica, verificação da authenticidade dos textos; *c)* a Numismatica, estudo das moedas, medalhas etc.

4.º *Ethnologia*. Sciencia que estuda a origem, crusamentos e emigrações dos differentes povos.

5.º *Ethnographia*. Sciencia que descreve os costumes, religião e habitos das diversas nações.

6.º *Linguistica*. Sciencia que tem por fim o estudo das linguas, sua derivação, distribuição na Terra e classificação em grupos ou familias.

II

I. Raças humanas — II. Raças historicas. — III. Linguas. — IV. Escripta.
— V. Religiões. — VI. Organização social.

I. — RAÇAS HUMANAS. — A côr da pelle, a natureza e côr dos cabellos, a fôrma do craneo, a estatura e outros caracteres phisicos hereditarios no homem, servem de base para a classificação dos homens em differentes grupos ou raças. As raças

humanas são cinco, tres principaes e duas intermediarias.

1.º *Raça branca, ou caucasica*, cujo berço é o planalto do Iran donde se espalhou pela India, Arabia, Asia occidental, Europa e Africa septentrional. A raça branca apresenta em geral os seguintes caracteres physicos: pelle branca, rosto oval, nariz saliente, cabellos lisos e flexiveis.

2.º *Raça amarella ou mongolica*, que existe na China desde a mais remota antiguidade, occupando tambem a parte oriental da Asia e as regiões arcticas da Asia, Europa e America. Os caracteres physicos da raça mongolica são: a pelle mais ou menos amarella, a testa achatada, o rosto largo e quadrangular, o nariz achatado, labios grossos, olhos estreitos e obliquos, os cabellos rijos e pretos.

3.º *Raça negra ou africana*, tem o seu berço na Africa occidental, donde se espalhou por todo o continente africano e por uma grande parte da Oceania, sendo mais tarde importada para a America. Os caracteres physicos desta raça são: a pelle negra, a fronte deprimida, o nariz largo e achatado, os labios muito grossos, bocca grande e maxillares salientes, os cabellos encarapinhados.

4.º *Raça malaia*, (intermediaria) habita a peninsula de Malacca, as ilhas da Malasia, Polynesia, Micronesia e de Madagascar. Tem em geral os seguintes caracteres physicos: a pelle côr de

azeitona mais ou menos carregada, nariz chato, bocca grande, labios grossos, estatura pequena.

5.º *Raça vermelha ou americana*, (intermediaria) habita a America septentrional e meridional. Os principaes caracteres physicos são: côr da pelle acobreada, rosto largo e triangular, cabellos pretos, barba rara.

II. — RAÇAS HISTORICAS. — Raças historicas são aquellas, que contribuíram para o progresso humano e que por isso mais interessam o historiador. A raça historica por excellencia é a raça branca, que se subdivide em tres grupos ou familias.

1.º *Chamita*, comprehendendo: os Egepcios, os Lybios do norte d'Africa, os Ethiopes e os habitantes primitivos da Mesopotamia, da Palestina, da Phenicia e as tribus primitivas da India, septentrional.

2.º *Semita*, comprehendendo: os Syrios, Assyrios, Hebreus e Arabes.

3.º *Japhetica ou Arya ou Indo-Europea ou Indo-Germanica*, comprehendendo: as castas superiores da India, os Iranios (Medas e Persas), Celtas, Italiotes, Thracios, Illyrios, Hellenos, Letto-Slavos e Germanos.

III. — LINGUAS. — Todas as linguas segundo a sua estructura dividem-se em tres grupos: monosyllabico, agglutinante e flexivo.

1.º *Linguas monosyllabicas*, em que todas as

palavras têm uma unica syllaba, e as relações são expressas pela posição das palavras na phrase; dominam principalmente na raça amarella e são falladas pelos Chins, Annamitas, Siamezes etc.

2.º *Linguas agglutinantes*, em que existem palavras que, collocadas depois da *palavra raiz*, modificam o sentido primitivo, são falladas pelos povos da raça negra e vermelha.

3.º *Linguas flexivas*, nas quaes uma simples modificação na terminação das palavras modifica o seu sentido absoluto. São falladas por quasi todos os povos da raça branca. Dividem-se em tres grupos: *a)* Chamita que comprehende: o antigo Egyptico, o Ethiope e o Lybio ou Berber; *b)* Semita que comprehende: o Assyrio, o Arameo, o Hebraico, o Phenicio e o Arabe; *c)* Indo-Europeu, comprehendendo: o Sanscrito, o antigo Persa, o Zend lingua do Avesta,—o Armenio, o Grego com seus dialectos: eolio, dorio e attico, o Grego moderno,—as linguas falladas na Italia antiga: ombrio, osco, e latim com as linguas derivadas deste, Italiano, Provençal, Francez, Hespanhol, Portuguez, o Romache—o Irlandez, o Escossez, o Bretão, o Cornico e a lingua do paiz de Gales—o Gothico, o Islandez, o Dinamarquez, o Sueco, o Noroeguez, o Allemão, o Frisão, o Hollandez, o Flamengo, o Inglez,—antigo Prussiano, o Lithuanio—O Slavo lithurgico, o Bulgaro, o Russo, o Tcheque, o Servo e o Polaco.

IV. — ESCRIPTA. — Os differentes systemas de escripta podem dividir-se em quatro grupos :

1.º *Escripta figurada* ou representação simples dos objectos, que corresponde á percepção desses objectos pela vista, adoptada pelòs povos em estado de civilização muito rudimentar.

2.º *Escripta symbolica* em que as idéas abstractas são representadas por objectos materiaes. Este systema faz parte da escripta hieroglyphica dos antigos Egypcios.

3.º *Escripta syllabica* que representa por um character unico os sons emittidos pela voz humana. Systema seguido em parte pelos Egypcios, Assyrios e Babylonios.

4.º *Escripta litteral*, em que os sons da voz humana são decompostos nos seus elementos : vogaes e consoantes representadas por caracteres differentes. Esta modificação na escripta syllabica (hieratica dos Egypcios) foi devida aos Phenicios e por elles propagada em todo o mundo antigo. Do alphabeto phenicio derivam todos os alphabetos syllabicos.

V. — RELIGIÃO. — As religiões dividem-se em tres grandes cathogorias :

1.ª *Religiões monotheistas*, que admittem um Deus unico, e comprehendem : a) o Judaismo ou Mosaismo ; b) o Christianismo. com suas divisões — catholicismo, protestantismo, e grega-orthodoxa ;

c) o Islamismo ou Mahometismo com suas principaes seitas : — Sunnitas (Arabes, Turcos, Turcomanos, Egypcios, Berberes); Chiytas (Persas e Arabes do Yemen).

2.^a *Religiões Dualistas*, que admittem a existencia de duas divindades igualmente poderosas sendo uma bemfaseja, outra malefica comprehendem : o Mazdeismo antiga religião de Zoroastro e hoje dos Parsis ou Guebres.

3.^a *Religiões polytheistas* que admittem a existencia de muitos deuses, e denominam-se : a) *anthropomophismo*, concepção dos deuses sob a fórma humana ; b) *sabeismo*, adoração dos astros ; c) *fetichismo* adoração dos animaes e objectos inanimados ; d) *chamanismo* ou culto dos espiritos, antepassados e heroes. As principaes religiões polytheistas são : a religião dos Gregos e dos Romanos (na antiguidade) o Brahmanismo, e o Budhismo.

4.^a *Religiões philosophicas ou racionaes* nas quaes é excluido o sobre-natural, comprehendem : a) a religião de Confucius ; b) a religião de Lão-Tse ou de Tao.

VI.— ORGANISAÇÃO SOCIAL.—A origem da sociedade é a familia. A reunião de differentes familias constituiu a *tribu* entre os Esquimós, Arabes, Berberes, a *horda* entre os Mongoes, o *clan* nos povos celticos. Esta organização social só convem aos

povos pastores e caçadores essencialmente nomades. A agricultura exigindo uma vida sedentaria deu origem á cidade e com o progresso ao *Estado*. Os estados podem ser : *a*) monarchia absoluta, quando o poder é exercido por um unico individuo cujo poder não é limitado ; *b*) monarchia constitucional quando o poder do soberano é limitado por uma constituição ; *c*) republica aristocratica quando o poder é exercido por diferentes individuos pertencentes a uma classe ; *d*) republica democratica, quando todos os cidadãos podem tomar parte no governo do Estado. Quando a authoridade religiosa está reunida á authoridade civil o estado denomina-se theocratico.

III

A PRÉ-HISTORIA

- I. Antiguidade do homem. Vestigios do homem quaternario.—II. Divisão dos tempos pré-historicos.—III. Epoca paleolithica.—IV. Epoca neolithica.—V. Epoca do bronze.—VI. Epoca do ferro.

I.—ANTIGUIDADE DO HOMEM.— A apparição do homem na Terra data do periodo denominado pelos geologos quaternario, o qual, na ordem das camadas, que formam a crusta terrestre, precede os terrenos que constituem o periodo geologico actual.

Parece, porém, que o homem já habitava a Terra no periodo terciario, anterior ao quaternario, onde, nos terrenos daquelle periodo denominados *meocenos*, julgam alguns haver encontrado vestigios de sua existencia.

II.—DIVISÃO DOS TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS.—Segundo a materia, a menor ou maior perfeição, com que foram fabricados os instrumentos e utensilios, que nos legou o homem quaternario, dividem os archeologos os tempos pré-historicos em: 1.º *Edade da pedra* comprehendendo: a) época paleolithica; b) época neolithica — 2.º *Edade dos metaes* comprehendendo: a) época do bronze; b) época do ferro.

III.—ÉPOCA PALEOLITHICA.— O estado da civilisação do homem da época paleolithica, ou da pedra lascada, era muito inferior: ignorava a agricultura, e não conseguira domesticar nenhum dos animaes, que o cercavam, morava nas grutas e cavernas, alimentando-se os habitantes do interior das terras com o producto da caça, e os das costas e das margens dos rios e lagos com o da pesca. Os instrumentos grosseiros que empregava eram de pedra, sendo obtida a fórma rudimentar de machados, furadores, raspadores etc por meio da percussão que, separando as lascas, do silex o transformava no instrumento que pretendiam obter. Os ossos de alguns animaes serviam para fabricar

agulhas, anzoes e settas, e as suas pelles para vestirem-se.

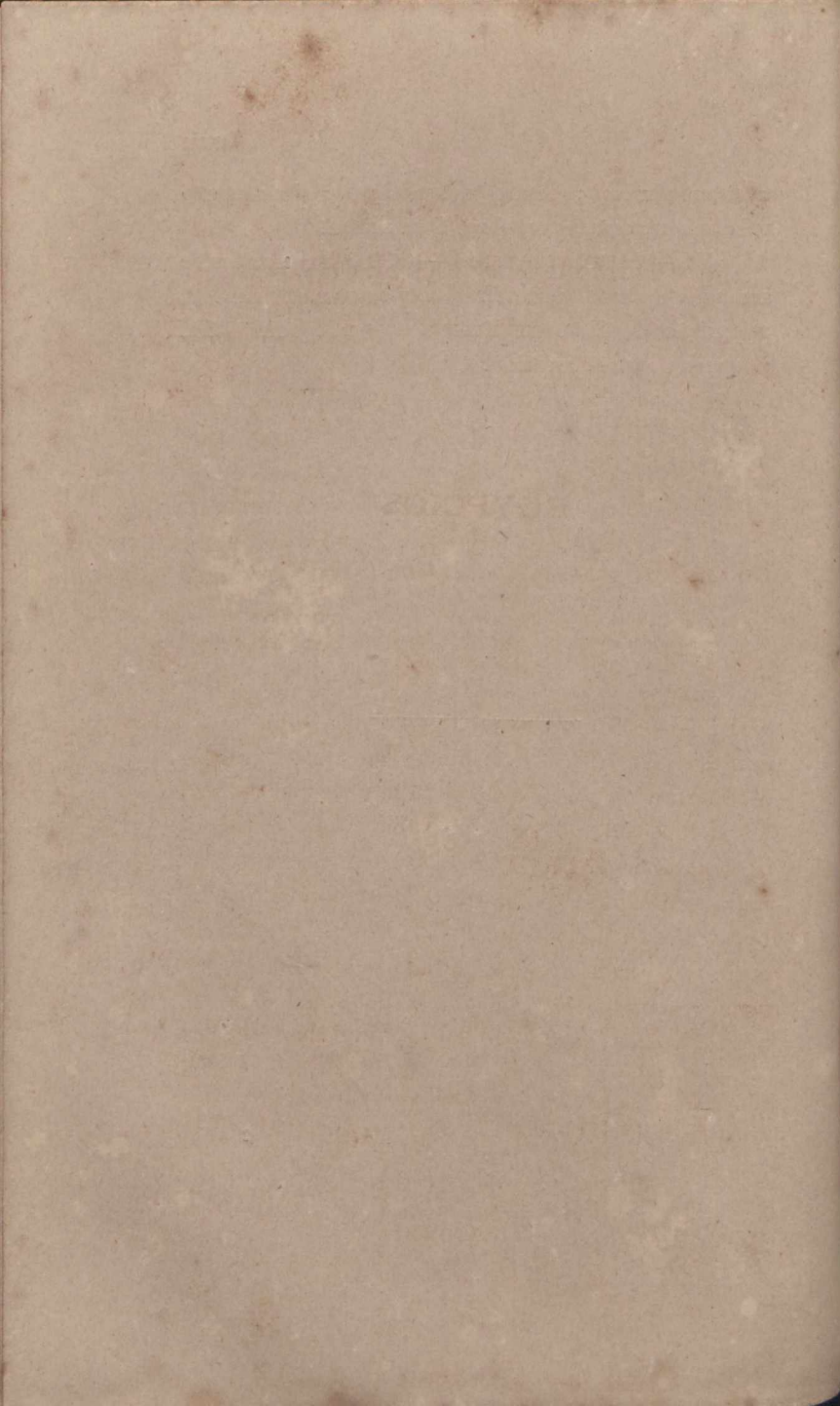
IV.—ÉPOCA NEOLITHICA.— Nesta época já o homem sabia cultivar alguns cereaes, e tinha domesticado o reingifer, conhecia a ceramica e os instrumentos que usava são notaveis pela perfeição do fabrico. Parece que nesta época já havia uma organização social rudimentar, algumas crenças religiosas e que algumas tribus commerciavam entre si. Os restos da época neolithica encontram-se principalmente nos kjoekkenmøddingers (restos de cozinha) montões de conchas das costas da Dinamarca, nos palafittes ou habitações lacustres dos lagos na Suissa, nas terramares das margens do Pó na Italia, etc.

V.—ÉPOCA DO BRONZE. — As tribus, que introduziram o bronze na civilisação, parecem ser originarias da Asia onde desde remotas éras a metallurgia era apanagio de algumas tribus ou associações militares-religiosas, como os Cabires os Corybantes e Curetes, que habitavam primeiro na Chaldea superior e nas gargantas do Caucaso, emigrando depois para os montes da Phrygia. As tribus que trouxeram os instrumentos de bronze para a Europa distinguiam-se pela pequenez das mãos e costumes errantes sendo, por alguns, identificadas com os Ciganos. Em alguns paizes com a apparição do bronze coincide certa modificação nos

ritos funerarios; sendo substituida a inhumação pela inceneração, como na Dinamarca.

VI.—ÉPOCA DO FERRO — Os instrumentos e armas de ferro parecem ter vindo da Africa. A apparição do ferro na Europa coincide com o fim do periodo pré-historico.





CIVILISAÇÕES PRE-SEMITAS

I

EGYPCIOS

I. O Egypto. — II. Habitantes primitivos. — III. Divisão da historia dos Egepcios. — IV. Periodo Memphita. — V. Periodo thebano: Primeiro imperio thebano. — VI. Hycsos. — VII. Periodo thebano: Segundo imperio thebano. — VIII. Periodo Saíta: primeiro periodo. — IX. Periodo Saíta: segundo periodo. — X. Civilização.

I. — O EGYPTO. — O Egypto fica situado ao nordeste da Africa e confina: ao norte com o Mediterraneo; a leste com o isthmo de Suez e Mar Vermelho; ao sul com a Nubia; ao oeste com o deserto da Lybia. O Egypto divide-se em duas regiões naturaes: ao norte o Delta formado pelas bocas do Nilo denominado *To-Mihi* (1) (região do norte); ao sul a planicie cortada pelo Nilo da primeira cataracta em Siena até Beni-Suef denominada *To-Risi* (região do sul). Estas duas regiões

(1) Na orthographia dos nomes egepcios seguimos a Maspero « Histoire ancienne des Peuples de l'Orient, 4^{me} edit. entièrement refondue 1886 »

constituíram o paiz denominado pelos naturaes Kimit (o negro).

O Egypto dividia-se em nomes ou districtos com a sua capital e cujo numero variou nos differentes periodos da historia dos Egypcios.

As cidades mais notaveis do Egypto antigo eram: no Alto-Egypto, Abu, (Elephantina dos Gregos), Suanu (Syena) Apit (Thebas) Abudu (Abydos) Sui (Ptolemaida); no Baixo-Egypto: Mannofri (Memphis) Pibasti (Bubastis) On (Heliopolis.)

II.—HABITANTES PRIMITIVOS.— Os Egypcios pertenciam á raça branca, ao grupo denominado *chamita* e a lingua que fallavam, apresenta grande analogia com as linguas semitas.

Emigraram da Asia e penetraram no Egypto pelo isthmo de Suez, vencendo e repellindo para o interior as tribus indigenas de raça negra.

III.—DIVISÃO DA HISTORIA DOS EGYPCIOS.— A historia dos Egypcios divide-se em tres periodos: 1.º Periodo Memphita (1.ª á 10.ª dynastia); 2.º Periodo Thebano (11.ª á 20.ª dynastia); subdivide-se em: Primeiro imperio thebano (11.ª á 15.ª dynastia); Segundo imperio thebano (16.ª á 20.ª dynastia); 3.º Periodo Saita (21.ª á 30.ª dynastia) subdivide-se em: Primeiro periodo saita (21.ª á 26.ª dynastia); Segundo periodo saita (26.ª á 30.ª dynastia).

IV.—PERIODO MEMPHITA.—(1.^a á 10.^a dynastia) Os invasores asiaticos formaram a principio na planicie do Nilo differentes estados independentes, organização que se perpetuou nos *nomes*, durando este periodo de elaboração, mais tarde considerado como a idade de ouro da nação e denominado tempo dos Shosus Hor (servos de Horus) muitos seculos, pois, quando começam para o Egypto os tempos historicos, já elle attingira um estado de civilisação adiantada.

A reunião dos differentes estados constituindo uma só monarchia marca o começo da historia egypcia. Esta modificação é attribuida a *Menes*.

Menes (Mini) era natural de Tanis (Thini) cidade do Alto-Egypto. *Menes* estabeleceu a capital da nova monarchia em Memphis (*Mannofri o bom logar*) cidade fundada por elle. Segundo a tradição *Menes* foi um principe guerreiro e edificador fundou o grande templo do deus Phtah e organisou o culto religioso.

O pouco que se sabe dos principes das tres primeiras dynastias pertence mais á lenda do que á historia.

Da primeira dynastia *Tehi* começou a edificar um grande palacio em Memphis e compoz um tratado de anatomia; no reinado de *Uenephes* a fome assolou o paiz. Os principes da segunda

dynastia eram tambem naturaes de Tanis o seu fundador foi *Buziu* e conta alguns principes legisladores: *Kaku* que augmentou os deuses do pantheon egypcio e *Binuturu* que estabeleceu o direito de successão ao throno das mulheres de familia real. A terceira dynastia era originaria de Memphis, um dos seus principes *Necherophes* venceu os Lybios, *Tasorthros* seu successor aperfeiçãoou o systema de escripta e *Snofru* o mais celebre venceu as tribus nomades (Mantiu) que assolavam a fronteira oriental do Delta, chegando com seu exercito até á extremidade da peninsula do Sinai e guarnecendo com fortalezas esta fronteira, para pol-a ao abrigo de novos ataques.

Os principes da quarta dynastia *Kheops* (Kufu) *Kephren* (Kâfri) e *Menkerynos* (Menkeri) eclipsaram todos os seus antecessores, foram os edificadores das grandes pyramides de Gizeh que mostram o estado de adiantamento a que já havia chegado o Egypto.

Keops guerreou os nomades da Asia e defendeu os estabelecimentos para exploração das minas do Sinai fundados por *Snofru*, *Menkerynos* mandou restaurar os templos e fundar novos edificios religiosos. Os principes da quinta dynastia continuaram a combater os nomades da Asia e a levantar numerosos monumentos. A elevação ao throno da sexta dynastia foi assignalada por alguns disturbios, o

nome de dois monarchas apparecem nos monumentos contemporaneos *Teti* e *Usirkeri* prevalecendo *Teti*.

Com a sexta dynastia Memphis começa a decahir passando a supremacia para Abydos. O mais glorioso monarcha desta dynastia foi *Miriri Pepi I* que auxiliado pelo seu habil ministro *Uni* venceu as tribus nomades da Arabia, reconquistou os estabelecimentos do Sinai perdidos no tempo dos seus antecessores, submetteu a Ethiopia e cobriu o Egypto de edificios, descendo em navios pelo Nilo, desde a primeira, cataracta o granito para essas edificações.

A sexta dynastia acaba com a rainha *Nitokris* (*Nitaqrit*) que terminou a pyramide de Menkerynos e que, segundo a tradição grega, matou-se depois de ter vingado o assassinato de seu irmão *Mentesuphis*, que a havia precedido no throno.

Depois de mais de um seculo de desordens e lutas intestinas, sob as setima e oitava dynastia, em Haknin-suten, a Heracleopolis dos Gregos, constituiu-se uma nova dynastia a nona, que assim como a que lhe succedeu tiveram por capital esta cidade. Dos principes que as formaram apenas se sabe que os ultimos tiveram que lutar contra as provincias do sul sendo finalmente vencidos.

V. — PERIODO THEBANO. — PRIMEIRO IMPERIO THEBANO (11.^a e 15.^a dynastia). Thebas cidade se-

cundaria durante o primeiro periodo da historia do Egypto tornou-se preponderante no segundo. Os principes, a que deveu o seu engrandecimento e que formaram a duodecima dynastia, eram a principio vassallos da dynastia de Abydos. *Entuf IV* quebrou os ultimos laços de vassallagem e *Montu-hotpu IV* reuniu sob o seu sceptro todo o Egypto. Os principes, desta dynastia, emprehenderam algumas guerras contra os povos negros do sul e contra os nomades asiaticos.

Nos ultimos annos do governo da undecima dynastia o Egypto foi theatro de grandes revoltas, conservando-se dividido durante alguns annos, até que o fundador da duodecima dynastia lhe restituiu a unidade.

Amenemhat I, depois de ter submettido os revoltosos, venceu os Lybios, os Nubios e as tribus asiaticas; nos ultimos annos do seu reinado partilhou o throno com seu filho *Usirtesen I* que lhe succedeu. Este principe venceu uma confederação de sete povos negros e levou as suas armas até Uadi-Halfa. *Amenemhat II* alargou as fronteiras meridionaes do Egypto e organisou a administração da Nubia inferior que formou o nome de Qeus. *Usirtesen II* e *Usirtesen III* continuaram as lutas no sul e o ultimo estabeleceu a fronteira meridional em Semneh onde mandou edificar uma fortaleza. *Amenemhat III*, o rei Mœris de Herodoto que

lhe attribue a construcção de um immenso reservatorio destinado a regular as cheias do Nilo (1)

A duodecima dynastia extinguiu-se depois dos curtos reinados de *Amenemhat IV* e de sua irmã *Sovkunofriu*.

O fundador da decima-terceira dynastia foi *Sovkhotpu I* e os seus successores continuaram a obra dos monarchas da dynastia anterior, fazendo prosperar o Egypto durante alguns seculos ; mas o fim desta dynastia parece ter sido assignalado por revoltas, perdendo Thebas a sua preponderancia que passou para Xoïs cidade do Delta capital da decima-quarta dynastia a respeito da qual nada se sabe, podendo presumir-se que as lutas civis, que se desencadearam no reinado dos seus ultimos principes, entregaram o Egypto sem defesa aos invasores asiaticos, os Hycsos.

VI. — Hycsos (2) (15^a-17^a dynastia Shebana-16^a dynastia hycsos).—As hordas que invadiram o Egypto

(1) A opinião geralmente adoptada sobre a situação deste lago artificial é a de Linant segundo a qual o Mœris teria occupado uma depressão de terreno junto á encosta dos montes Libycos entre Illahun e Medineh. Mas as ultimas explorações revelaram que os diques designados como limites do lago não têm mais de dois seculos de existencia sendo assim possivel que o Mœris nunca existisse e que fosse na época da cheia do Nilo que Herodoto tivesse visitado o Fayum quando este offerece o aspecto de um mar e tomasse como margens de um lago os diques que separam as differentes bacias e estabelecem as communicações entre as cidades. As obras hydraulicas que as explorações têm descoberto são de muito menor importancia (*Maspero L'Archéologie Egyptienne*, pg. 39.)

(2) Os Egyptios davam ás tribus nomades da Syria o nome de Shus ou Shasus que applicaram-os invasores cujo chefe (hiq) se tornou hiq-shus donde os Gregos tiraram o nome de Hycsos.

faziam parte da grande emigração dos povos, que habitavam as costas do golfo Persico, obrigados a abandonar essa região por causa de uma invasão Elamita na Chaldea.

Graças ás lutas no meio das quaes se extinguiu a decima quarta dynastia, os Hycsos, cujo chefe era *Shalati*, puderam estabelecer facilmente o seu dominio sobre o Egypto menos em Thebas, onde os seus principes sustentaram uma longa luta pela independencia nacional, até que foram vencidos pelo hycso *Assés*, perecendo a decima quinta dynastia (thebana).

Os Hycsos fizeram o centro de sua resistencia em Avaris (Hauru), adoptaram os costumes dos vencidos, conservaram a antiga fórma administrativa e, para não ferir a susceptibilidade religiosa da nação vencida impondo-lhe o culto de uma nova divindade, o seu deus nacional *Sutkhu* foi identificado ao deus egypcio *Sit*. Segundo a Biblia foi durante o dominio dos Hycsos e no reinado de *Apopi* que os hebreus se estabeleceram na Terra Goshen.

Os principes hycsos, que dominaram durante alguns seculos no Egypto, formando a decima sexta dynastia, tiveram por differentes vezes que combater as rebelliões dos principes thebanos até que no reinado *Apopi* rompeu nova revolta, que tomou depressa o character de uma luta pela in-

dependencia nacional. A tradição attribue a origem da luta a uma causa religiosa. *Tiuâa I*, príncipe de Thebas, que a encetou, proclamou-se rei, fundando a decima setima dynastia.

A luta durou mais de um seculo terminando pela tomada de Avaris por *Ahmos I*, retirando-se os invasores para Syria perseguidos pelos Egypcios, sendo vencidos uma ultima vez em Saruhana.

VII. — PERIODO THEBANO. — SEGUNDO IMPERIO THEBANO (18.^a-20.^a dynastias.) *Ahmos* é considerado como o fundador da decima oitava dynastia e tinha direito á corôa por sua mulher *Nofritari* (1) filha do rei *Kamos* seu antecessor.

Os principes que o haviam auxiliado na guerra conservaram o governo hereditario dos nomes com o titulo e honras de rei, que alguns se tinham attribuido.

Ahmos depois de ter protegido a fronteira oriental no Egypto, mandando levantar uma linha de fortalezas, venceu as tribus da Nubia, que se haviam revoltado, e depois de ter suffocado uma rebelião no sul capitaneada por *Titi-ann* procurou

(1) Como a rainha *Nofritari* é algumas vezes representada nos monumentos com a face negra, suppoz-se que era filha de um príncipe negro e que *Ahmos* a desposára para assegurar-se um alliado na sua luta com os hycsos; mas esta supposição não pôde ser mais admittida depois da descoberta dos sarcophagos de *Ahmos Nofritari* de alguns filhos e filhas e principes de sua familia em 1881. A côr preta que é algumas vezes substituida pela azul é um caracter da rainha como deusa e tem apenas valor mythologico. (Brugsch: *A History of Egypt under the Pharaohs*, 2. ed., pg. 323-325; Maspero *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 4.^{eme} ed., pg. 171.)

restaurar o Egypto das ruínas, resultado de uma luta de mais de um século. Restaurou Memphis, edificou alguns templos.

Amenhotpu I seu filho terminou a conquista da Ethiopia.

Thutmos I, que lhe succedeu, foi o primeiro monarcha egypcio que levou o seu exercito a conquistas longiquas; no sul annexou o Sudan ao Egypto e invadindo a Asia levou as suas armas até Nabarina região situada entre o Balêk e o Orontes.

Thutmos II teve um curto reinado apenas assignalado por algumas expedições no Sul e na Syria. Seu pai fizera-o despozar sua irmã *Hatshospsitu* ou *Hatusú* unica filha que tivera de sua mulher legitima (1), a qual depois de sua morte collocou no throno de *Thutmos III* seu irmão mais moço.

Hatusú revelou qualidades de uma grande princeza. Manteve intacta a soberania do Egypto sobre as regiões do sul e sobre a Syria, renovou a exploração das minas do Sinai e enviou uma esquadra de cinco navios para explorar as regiões desconhecidas do paiz de Pount (2) donde voltou carregada de especiarias e outras producções do paiz.

(1) Thutmos II era filho de uma mulher do harem.

(2) O Pount era o nome dado pelos Egypcios á Arabia e paiz de Somal. A expedição chegou ás proximidades do cabo Guardafui a Aromata Acron ou Aromaton Acroterium dos escriptores gregos. (Brugsch, *Egypt under the Pharaohs*, vol. I, pg. 353.

Thutmos III que, só depois da morte de sua irmã começou a reinar de facto derrotou logo no anno seguinte em Magidi (Megeddo) os povos cananeos tendo á sua frente o rei hittita de Kadesh e terminou a submissão da Syria e Phenicia depois de tres campanhas successivas. Para assegurar estas conquistas mandou construir uma fortaleza nas faldas do Libano proximo de Arados. Depois de diversas campanhas submetteu a Mesopotamia a Assyria e talvez a Chaldea, povos a que impoz tributo. *Thutmos* morreu depois de um glorioso e longo reinado de quasi cincoenta e quatro annos sendo sepultado em Thebas pelos cuidados de seu filho *Amenhotpu II*.

Este principe os seus successores *Thutmos IV* e *Amenhotpu III* souberam conservar a grandeza do Egypto, cujas fronteiras no reinado deste ultimo principe, estendiam-se ao norte na direcção do Euphrates e ao sul até ao paiz dos Gallas.

No reinado de *Amenhotpu IV* rompeu a luta entre o rei e os sacerdotes de Amon cujo poderio crescera com o engrandecimento de Thebas.

Quizeram estes impôr ao Egypto o culto de uma unidade divina representada por Ammon acto contra o qual reagiram os monarchas da XVIII dynastia, receando que elle encobrisse alguma tentativa de usurpação.

Nesse intento *Thutmos IV* introduziu em The-

bas o antigo culto de Harmakhuti, o sol nos dous horizontes e *Amenhotpu IV* levando mais longe a reacção fundou uma nova capital da qual proclamou Deus a *Aton* divindade solar e elle proprio tomou o nome de *Khutnaton* (esplendor do disco solar) ordenando a prescripção do culto da Amon; mas respeitando o das outras divindades nacionaes Râ Hermakis, Hor, Osiris e Mait. *Amenhotpu* conservou apezar destas dissenções religiosas todas as conquistas do Egypto cuja prosperidade continuou durante o reinado. (1)

Seus genros que lhe succederam successivamente continuaram a perseguir o culto do deus de Thebas até que um delles *Ai* poz termo ás perseguições abandonou a nova cidade de *Khutnaton* e voltou para Thebas.

Depois do reinado de *Tutonkhamon*, cuja auctoridade ainda era reconhecida por todo o Egypto, rebentou prolongada guerra civil terminando no meio das lutas a decima oitava dynastia.

O fundador da decima nona dynastia foi *Harmhabi* cuja origem é desconhecida. Restaurou o culto de Amon e mandou arrazar o templo de Aton. Impoz tributo ás tribus do Pount submetteu

(1) Os historiadores modernos do Egypto têm maltratado cruelmente este monarcha fazendo-o filho de uma estrangeira, fanatico exaltado, louco e até eunucho. (Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, pag. 210 4.^{me} ed. 1886.)

alguns povos da Syria e por sua morte subiu ao throno *Ramses I* (1) que havia servido sob os dois ultimos monarchas ignorando-se a causa por que subiu ao throno. Este principe empreheendeu uma expedição contra os Ethiopes e outra na Syria que terminou pela celebração de um tratado com os Kitis.

Seti I filho de *Ramsés I* foi um principe guerreiro, reprimiu as incursões dos nomades no Delta, invadiu a Palestina, chegando até ás faldas do Libano e obrigando os habitantes a fornecerem madeiras para edificação do templo de Amon. Apoderou-se de Qodshu (Kadesh) no territorio dos Amorrhheus, uma das mais poderosas praças dos Kitis, com os quaes sustentou uma larga luta, que terminou por um tratado celebrado com o rei *Môrusar*.

Seti I embellesou tambem os seus estados; o templo funerario de Abydos, a sala hypostile de Karnak datam deste reinado.

Ramsés II seu successor (2) já partilhára o throno com seu pai desde a idade de doze annos.

(1) A opinião que vê em Ramsés I um semita tem por base a interpretação contestavel de um trecho da *stela do anno 400* e nenhuma importancia historica tem. (Maspero *Histoire ancienne de l'Orient* 4^{me} edit. pag. 214 nota 1.

(2) Pelo seu nome popular de Sestesura e com as suas diversas fórmas, Ses, Satesu, Setesu ou Sethosis de Manethon foi este principe conhecido pelos Gregos que sob o nome de Sesostris lhe crearam uma historia toda legendaria.

As primeiras campanhas deste príncipe foram dirigidas contra o paiz de Kush e a Ethiopia, a mais importante, porém foi, a que sustentou contra o rei dos Kitis e os seus alliados, os reis de Arathu (Arad) de Khilebu (Haleb) dos Dardanos (do Kurdistan) e muitos outros soberanos da Syria, vencidos na batalha de Qosdú (Kadah) ⁽¹⁾ não desanimaram e a guerra continuou ainda por quatro annos apoderando-se os Egypcios da fortaleza de *Shaluma* ou Salem de Maroma (Merom) ⁽²⁾ e d'Askalon e terminando por um tratado de alliança offensiva e defensiva com o rei dos Kitis *Kitisar*

Cançado nos seus ultimos annos *Ramsés II*, tendo já perdido seus filhos mais velhos, delegou o poder real seu terceiro filho *Kamois* summo sacerdote de Memphis, que o exerceu até á sua morte, succedendo-lhe na regencia seu irmão *Minephtah*, que foi regente até que morrendo Ramsés II subiu ao throno.

Minephtah era já de avançada idade, quando succedeu a seu pai o que não impediu que conservasse o seu dominio sobre os paizes submettidos

⁽¹⁾ Uma escaramuça em que na vespera da batalha Ramsés II tomára parte é o assumpto do poema do Scriba Pentaur cujo texto se acha reproduzido em Abydos, Luqsor, Karnak e no Ramesseion.

⁽²⁾ Talvez o nome primeiro de Jerusalem antes de ser occupada pelos Hebreos, (S. Birch Egypt).

pelos seus antecessores e continuasse os grandes trabalhos por elles encetados. Mas no quinto anno do seu reinado uma invasão de povos vindos do Archipelago; Tyrsenos Sardanos e Lycios, que haviam desembarcado nas costas da Lybia e se tinham alliado com o rei dos Lybios *Memaiú* ameaçou o Egypto. *Minephtah* reuniu todos os recursos militares do Egypto, chamou as tropas da Asia e venceu completamente os invasores proximo da cidade de Pirishopsit (Prosopis.)

Depois da morte de *Minephtah* deram serias discordias no paiz, seu filho *Seti I* principe de Kush e herdeiro presumptivo da corôa não lhe succedeu immediatamente; o throno foi occupado por *Amenmóttu* netto ou bisneto de *Ramsés II*, o qual conseguiu transmittir o poder a seu filho *Minephtah II Siphtah*, sendo somente depois do reinado destes usurpadores que *Seti II* cingiu a corôa com o qual depois de um curto reinado se extinguiu a vigesima dynastia.

Foi durante o periodo da anarchia consecutiva á morte de *Minephtah* que os Hebreus sahiram do Egypto (¹).

O fundador da vigesima dynastia foi *Nakhtseti* descendente de *Ramsés II*, o qual depois de se

(¹) É que se pôde concluir do grande Papyrus de Harris (S. Birch Egypto. 3)

ter apoderado de Thebas submetteu os rebeldes e restabeleceu a ordem no Egypto.

Sucedeu-lhe *Ramsés III* que foi o ultimo grande monarcha do Egypto. Durante o seu reinado, de trinta e tres annos, procurou restabelecer a integridade da monarchia, sustentando demoradas guerras. No quinto anno de seu governo repelliu uma invasão de Lybios e no oitavo venceu entre Raphia e Pelusa a differentes povos da Syria, que tendo á sua frente os Kitis pretenderam invadir o Egypto. Os Lybios, que seu chefe *Kapur* arrastára uma segunda vez foram derrotados; a frota egypcia submetteu em seguida as antigas provinciaes da Syria e numa expedição á Arabia voltou com os tributos dos povos que habitavam na região do Sinai.

Morrendo *Ramsés III* succedeu-lhe seu filho *Ramsés IV* ao qual depois de um curto reinado succedeu *Ramsés V* seu parente affastado succedendo a este no throno após curtos reinados os filhos de *Ramsés III*, *Ramsés VI*, *Ramsés VII*, *Ramsés VIII* e *Miamun Miritum*, e estes quatro principes todos chamados *Ramsés*.

O Egypto durante o reinado dos ultimos Ramsidas entra num periodo de dissolução; a miseria reinava nas classes inferiores, bandos de salteadores assaltavam os depositos de viveres, os templos, os cemiterios, onde profanavam até os

tumulos reaes, a anarchia era geral crescendo porém no meio della o poder e influencia dos sacerdotes de Amon (1).

O summo sacerdote *Ramsés-nakhtu* era poderosissimo no reinado de *Ramsés IV* e seu filho *Amenhotpu* ainda excedeu a sua influencia no governo de *Ramsés IX*, finalmente depois da morte de *Ramsés XII Hrihor* summo sacerdote de Amon vice-rei da Ethiopia fazendo valer os direitos que lhe legára sua mãe de sangue real cingiu a corôa e proclamou-se soberano do Alto e Baixo Egypto.

VII. PERIODO SAITA — PRIMEIRO PERIODO (20.^a-26.^a DYNASTIA). — As cidades do Delta, ciosas da influencia de Thebas proclamaram um Tanita *Smendes* que fundou a vigesima primeira dynastia conservando-se o Egypto dividido em dous ramos até que *Psiukhânu I* descendente de *Smendes* se apoderou de Thebas e restabeleceu a unidade no Egypto, o qual se conservou unido sob o governo de seu filho *Pi-notmu II* separando-se depois de sua morte, sendo o Egypto desde o Fayum governado successivamente por seus fillhos *Masakirti* e *Menkopirri* com o titulo de summos-sacerdotes de Amon e Tanis por principes com o titulo de reis.

(1) Segundo a theoria dos sacerdotes de Amon as imagens dos deuses eram compostas de uma estatua de marmore, de metal ou de madeira e da alma independente da imagem a qual por meio da oração podia encerrar-se na imagem e animal-a. Os reis egypcios consultavam amiudadas vezes estas imagens animadas sobre as resoluções que haviam tomado e que ellas approvavam mexendo a cabeça, o que contribuia muito para a influencia que exerciam os sacerdotes de Amon. (Maspero *Histoire ancienne de l'orient* 4.^{ed.} ed. pg. 286.

Dos principes Tanitas o mais notavel foi *Psu-khānu II* que invadiu a Syria e cuja filha desposou Salomão.

Para emprehender estas expedições os pharaós Tanitas recorreram a mercenarios, que pouco a pouco foram se tornando poderosos; um chefe desses mercenarios, o lybio (1) *Buina*, adquiriu grande poder em Bubaste, e um de seus descendentes, *Sheshonq*, depois da extincção da vigesima-primeira dynastia, teve bastante poder para se proclamar rei e reunir sob o seu sceptro todo o Egypto.

Sheshonq I foi um monarcha guerreiro; depois da divisão do reino hebraico invadiu Judá e entrou em Jerusalem, que saqueou, devastando em seguida o reino de Israel. Os seus successores não eram dotados da mesma energia e a custo conseguiram conservar a unidade nacional, até que, perdendo todo o prestigio, uma nova dynastia originaria de Tanis, apoderou-se do poder depois da morte de *Sheshonq IV*, ultimo dos principes de Bubaste.

Os principes da vigesima terceira dynastia só por alguns annos puderam governar todo o Egypto; no reinado dos ultimos delles era tal o desmembramento dos seus estados que perto de vinte principes se attribuiram o titulo de rei, vivendo em continuas guerras entre si.

(1) A origem lybia da vigesima primeira dynastia é admittida por Maspero, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 4.^a edição, pag. 359. Outros attribuem-lhe uma origem assyria, tania e asiatica.

Dentre esses principes os de Sais tornaram-se salientes pela sua ambição de reconstituirem o antigo imperio Egyptio. *Tafnakht* (XIV dynastia), fez a primeira tentativa, mas os outros principes pediram auxilio aos Ethiopez, onde os sacerdotes de Amon, desterrados no tempo da vigesima dynastia, haviam fundado um poderoso reino, tendo como capital Napata.

Pionkhi-Miamum, que então occupava o throno, invadiu o Egypto, apoderou-se de Memphis, entrou no Delta, onde *Tafnakht*, abandonado por todos os seus vassallos, pediu a paz, que lhe foi concedida. *Pionkhi-Miamum*, depois de ter recebido homenagem dos seus vassallos, retirou-se para Napata, onde morreu pouco depois.

Esta morte e as difficuldades, com que lutou o seu successor *Kashto*, no começo do seu reinado, proporcionaram ao filho de *Tafnakht* *Bokenranf* (Bocchoris) occasião azada para renovar a tentativa de seu pai; mas infelizmente para o principe saita, em Napata subira ao throno um filho de *Kashto*, *Shabaku*, principe energico que invadindo o Egypto venceu a *Bokenranf*, que ficando prisioneiro foi queimado vivo como rebelde, refugiando-se sua familia nos pantanos do Delta.

Com *Shabaku* pareceu que o Egypto ia resurgir novamente; as estradas foram concertadas, os canaes desobstruidos, as principaes cidades viram os seus

monumentos restaurados, mas *Shabaku* tinha que lutar contra o imperio dos Assyrios, então no auge do poderio, e para o combater alliou-se com o rei de Israel e com os principes syrios.

Sargon depois de ter tomado Samaria e vencido o rei de Hamath encontrou-se com o exercito do Egypto em Raphia, *Sabaku* foi vencido e desta derrota resultou a perda de grande parte do Egypto, onde os principes do Delta repelliram os Ethiopes tornando-se Tanis e Bubaste independentes e tomando o titulo de pharao em Sais um descendente de *Bokenranf*, *Stephinales*, enquanto que em Thebas continuavam a reinar os principes ethiopes. *Shabitu*, filho de *Shabaku*, conseguiu reunir novamente o Egypto sob o seu governo, mas por pouco tempo; uma invasão de ethiopes commandada por *Taharqu* não lhe permittiu que consolidasse a sua obra, sendo vencido e morto.

Taharqu governou todo o Egypto durante vinte annos, ao cabo dos quaes *Assarhaddon* rei dos Assyrios entrando no valle do Nilo por Pelusa derrotou-o completamente obrigando-o a refugiar-se em Napata.

Assarhaddon conservou á frente das differentes cidades os vinte principes nacionaes impondo-lhes um tributo, ficando como chefe da confederação *Niko I* principe de Sais.

Á noticia da morte prematura de *Assarhaddon* *Taharqu* invadiu novamente o Egypto venceu os

Assyrios perto de Memphis e apoderou-se desta cidade, mas *Ashshurbanipal* successor de *Asarhaddon* invadiu o Egypto venceu a *Taharqu* que retirou-se para a Ethiopia e restabeleceu os principes vassallos.

Uma terceira invasão do rei Ethiope restabeleceu o seu dominio no Egypto, *Ashshurbanipal* encarregou a *Niko* de repellir esta nova invasão, mas este principe não encontrou já no Egypto a *Taharqu* que se havia retirado para a Ethiopia.

Niko tinha apenas occupado Memphis quando foi sitiado por *Urdamani* genro de *Taharqu* que havia sido proclamado rei em Thebas. Memphis foi obrigada a render-se depois de um demorado assedio. *Niko* foi executado e seu filho *Psamitik* para não partilhar a sua sorte fugiu para a Syria.

Ashshurbanipal entrou então no Egypto venceu *Urdamani* no Delta perseguiu até Thebas obrigando-se a refugiar-se em Kipkip na Ethiopia.

Depois da derrota de *Urdamani*, o Egypto ainda foi uma vez invadido pelos Ethiopes sob o commando do seu successor *Tonúatamon* que voltou para Ethiopia carregado de despojos.

Entretanto *Psamitik I* principe de Sais continuava como os seus antecessores a querer reconstituir o antigo imperio Egypcio o que conseguiu finalmente depois de ter vencido em Momemphis, os principes do Delta com o auxilio de mercenarios jonios e carios que o acaso trouxera ao Egypto e do lydio *Gygés*.

Á vigesima sexta dynastia (656—340) deveu ao Egypto alguns annos de grandeza, *Psamitik I* (656—611) restaurou as estradas e canaes, augmentou o templo de Phtah em Memphis, protegeu por meio de fortalezas as fronteiras do Egypto, fez algumas campanhas na Nubia e na Syria, apodestando-se de Ashdod; mas a protecção que concedeu aos estrangeiros a quem devia a sua elevação ao throno descontentou os nacionaes e principalmente os militares, que em numero de duzentos e quarenta mil com armas e bagagens emigraram para Ethiopia, onde entraram ao serviço dos reis de Napata.

Nechao II (Niko II) (611—595) seu filho foi digno de seu pai. Reformou a esquadra, pretendeu unir o Mediterraneo ao Mar Vermelho por meio de um canal e enviou alguns navios tripolados por marinheiros phenicios, que partiram do golfo Arabico em demanda de novas terras, voltando depois de uma viagem de tres annos pelo Mediterraneo, tendo assim realisado a circumnavegação da Africa.

A velhice do rei de Babylonia *Nabupalussur* pareceu occasião propicia a *Nechao* para augmentar os seus estados annexando-lhes alguns territorios da Asia que invadiu. O rei de Judá *Josias* que, como vassallo do rei de Babylonia, lhe quiz embargar a marcha foi vencido e morto em Maggedo; os pontos mais importantes da Syria foram oc-

cupados por tropas egypcias, ficando sob o dominio de *Necho* durante tres annos ao cabo dos quaes sendo vencido em Gargamish por *Nabuchodurussur* filho do rei de Babylonia a Syria cahiu novamente em poder de *Nabupalussur*. Succedeu-lhe seu filho menor *Psamitik II* (595 — 589) cujo governo foi apenas assinalado por uma expedição contra a Ethiopia.

Apries (Uahibri) (589 — 570) seu successor na luta que sustentou contra *Nabuchodurussur* obteve importantes vantagens: a esquadra egypcia tripolada por marinheiros gregos venceu á esquadra bybolinica apoderou-se de Sidon estabelecendo o dominio do Egypto sobre todas as cidades das costas da Syria; mas a derrota em Irasa de um exercito formado de tropas egypcias, que fôra em auxilio das tribus lybias da costa, opprimidas pelos colonos gregos da Cyrenaica, deu origem a grandes desordens sendo o rei accusado de haver sacrificado propositalmente essas tropas, e *Ahmos*, (Amosis) que dos infimos postos do exercito chegára a general, foi proclamado rei pelos revoltosos. *Ahmos II* (Amosis) partilhou a principio o poder com *Apries* mas sendo este pouco depois reclamado pelo povo de Sais foi entregue aos seus inimigos e assassinado.

Ahmos II (570 — 526) viu o seu throno ameaçado por *Nabuchodurussur*, que empreendeu

uma expedição contra o Egypto, apoderando-se provavelmente das conquistas que *Apries* fizera na Syria. Procurou reerguer o Egypto, attrahindo colonos gregos, aos quaes cedeu a cidade de Naucratis, onde estes estabeleceram uma fôrma de governo propria e a sua religião nacional.

Tendo-lhe *Kambyses* declarado guerra, *Ahmos* preparava-se a defender os seus estados, quando morreu succedendo-lhe seu filho *Psamitik III*, que vendo o seu exercito derrotado em Pelusa pelos Persas, encerrou-se em Memphis que abriu as portas ao vencedor depois de alguns dias de cerco. *Psamitik III* foi executado e o Egypto reduzido a satrapia sob o governo do persa *Aryandes* (525).

IX. — PERIODO SAITA. — SEGUNDO PERIODO (27^a-30^a). — *Kambyses*, considerado, como o fundador da vigesima setima dynastia, morreu quando ainda estava no Egypto. No reinado de seu successor começaram as tentativas dos Egypcios para recuperar a sua independencia.

A primeira revolta foi em 486 depois da derrota dos Persas em Marathona sendo aclamado rei pelos revoltosos *Khbbisha*, que não poudo resistir a *Xerxes*, o qual nomeou satrapa do Egypto a seu irmão *Akhemenes*. Uma nova revolta rebentou em 463 tendo por chefe a *Inaros* filho de *Psamitik* e que governava a Lybia. *Inaros* venceu a *Akhemenes* e a frota atheniense, sua alliada sob

o commando de *Kharitimides*, depois de ter vencido a frota phenicia subiu o Nilo e bloqueou Memphis que se rendeu a *Inaros*. Mas os revoltosos não puderam resistir ao exercito persa commandado por *Megabyzos* o qual atacou Memphis que não poude resistir. Grande parte dos mercenarios gregos pereceram. *Inaros* feito prisioneiro foi pouco depois executado. *Thamyras* filho de *Inaros* substituiu-o no governo da Lybia.

Alguns bandos de fugitivos que se haviam refugiado nos pantanos do Delta proclamaram rei a *Amyrtaeos* e conseguiram resistir aos persas.

Em 405 rebentou nova revolta capitaneada por um filho de *Amyrtaeos* e tendo o mesmo nome. Este principe conseguiu tornar o Egypto independente durante seis annos, e formou a vigesima oitava dynastia.

A vigesima nona dynastia era originaria de Mendes e *Neforit* o seu chefe terminou a obra iniciada por *Amyrtaeos*, a da independencia do Egypto.

Hakori (393-383) seu successor alliou-se com os athenienses e com *Evagoras* que libertara a ilha de Chypre do jugo dos persas, alcançando algumas vantagens sobre os persas mas a que pôz termo o tratado de *Antalkidas*.

Os dois curtos reinados (383-382) que se seguiram ao de *Hokori* foram perturbados pelas ri-

validades dos differentes principes vassallos e com elles extinguiu-se a vigesima nona dynastia.

Nectanebos I (Nekhtharhibi) principe de Sebennytyos fundou a trigesima dynastia.

Para resistir aos persas encarregou o atheniense *Chabreas* de organisar o seu exercito; este fortificou o Delta de um modo formidavel. Os Persas vencidos deixaram o Egypto em paz durante alguns annos.

Taho o seu successor, depois de uma expedição na Syria foi deposto por seu sobrinho *Nectanebos II*, refugiando-se na cõrte do rei da Persia *Artaxerxes II*.

Nectanebos conservou o poder até que *Artaxerxes III Okhos*, que succedera a seu pai, mandou invadir a Syria e o Egypto. Os persas apoderaram-se de Pelusa e *Nectanebos* que se retirara para Memphis vendo-se abandonado fugiu para a Ethiopia com os seus thesouros. Pouco depois o Egypto passou para o dominio dos Gregos.

X. — CIVILISAÇÃO. — 1.º *Organisação social e politica.* — O Egypto antigo era uma monarchia feudal. Os differentes Estados, que a constituíam, eram concedidos hereditariamente a troco de certas obrigações: tributos, serviço militar. As mulheres não eram excluidas do direito de successão.

O rei era considerado como um ente divino e adorado depois de morto; o distinctivo da rea-

leza era a serpente uraões que cingia a cabeça do soberano como um diadema. A sua authoridade não tinha limites. O principe herdeiro desde a decima nona dynastia tinha o titulo de principe de Kush.

O povo dividia-se em classes occupando o primeiro logar a classe sacerdotal, e o segundo a dos guerreiros (1).

O territorio era dividido em nomes: cada nome comprehendia a cidade capital, séde da administração civil e militar e centro da religião provincial; as terras de producção, os pantanos, onde crescia o lotus e onde se fazia a creação em grande escala de aves aquaticas, e os canaes.

A configuração geographica e a constituição politica do Egypto fazia com que quasi todas as cidades e as povoações fossem cercadas de muralhas, que depois das expedições da XVIII dynastia na Asia, foram flanqueadas por torres e rodeadas de fossos. (2)

Os nomes eram governados por principes hereditarios ou por funcionarios de nomeação régia.

(1) Não concordam os escriptores antigos sobre o numero das classes em que se dividia o povo Egyptio. Segundo Herodoto eram sete: sacerdotal, dos guerreiros, dos pastores, porqueiros, mercadores, interpretes, e barqueiros. Diodoro divide os Egyptios em tres classes: sacerdotal, dos camponezes, de onde sahiam os militares, e dos artifices; mas tambem distingue cinco classes: sacerdotes, guerreiros, lavradores, artifices e pastores. Strabão em tres: sacerdotes, guerreiros e lavradores. Platão (Timæus), em seis: sacerdotes, artifices, pastores, caçadores, lavradores e soldados. (G. Rawlinson, *History of Herodotus*, vol. 2, pag. 247, nota 5.)

(2) Maspero, *l'Archéologie Égyptienne*, pags. 21 e 35.

Os impostos eram percebidos e os funcionarios pagos em generos: trigo, azeite, vinho, estofos, objectos manufacturados, cobre, metaes preciosos, etc.

As leis eram justas e a pena de morte poucas vezes applicada. A justiça era distribuida por juizes com a assistencia de um jury, dependendo os julgamentos deste tribunal da approvação de um grande conselho, cujos membros eram eleitos pelos nomes (um para cada nome). A organização militar durante o Periodo Memphita e o Primeiro Imperio Thebano era feudal, compondose o exercito dos contingentes, que eram obrigados a fornecer os principes vassallos.

Com a XVIII e XIX dynastias apparece o exercito permanente, tornado mais temivel pelos carros de guerra puxados por cavallos desconhecidos no Egypto nos periodos anteriores; (1) com a XX dynastia começam a fazer parte do exercito mercenarios estrangeiros, que chegaram a adquirir grande importancia.

Na familia a autoridade paterna era respeitada, a mulher gosava de grande liberdade e, ainda que a polygamia fosse permittida, não em era geral seguida: o casamento entre irmãos era permittido.

A agricultura era muito considerada: cultivava-

(1) Os carros e cavallos eram desconhecidos no Egypto até ao segundo Imperio thebano a sua primeira representação nos monumentos data do reinado de Ahmos e foram provavelmente introduzidos pelos Hycsos (G. Rawlison *History of Herodotus*, vol. II pg. 117 not. 2. da 4 ed.)

se o trigo, o linho e a vinha, producções, que depois das campanhas asiaticas dos Pharaós do segundo imperio thebano, que alargaram o commercio do Egypto, eram exportados a troco dos productos asiaticos.

2.º *Sciencias litteratura e artes.*— A escripta dos egypcios era denominada *hieroglyphica* e compunha-se de signaes ideographicos, syllabicos e de letras; os hieroglyphos eram em geral somente empregados nas inscrições dos monumentos publicos ou privados. Nos usos da vida, nas obras litterarias serviam-se os Egypcios de um systema mais simples derivado da escripta hieroglyphica e denominado *hieratico*, que simplificado deu origem a um novo systema de escripta popular ou *demotica*, o qual começou a ser empregado nos reinados de Schabaku, e de Taharqu, nos contractos, correspondencias etc.

As sciencias cultivadas pelos Egypcios foram: a Medicina, de que um tractado remonta ao periodo Memphita; as differentes doenças conhecidas eram descriminadas sendo cuidadosamente descriptos os symptomas e tratamento; a Astro-nomia tambem era cultivada; distinguiam as estrellas fixas dos planetas (Jupiter, Saturno, Marte, Mercurio e Venus), e o anno era de 360 dias, aos quaes desde o tempo pré-historico se juntavam cinco dias complementares, dividia-se este em doze mezes de trinta dias, dividindo-se o mez em tres de cadas e tendo o dia doze horas.

Os astrónomos egypcios tinham observado que o primeiro dia do anno astronómico (365 $\frac{1}{4}$ dias) só coincidia com o do anno civil (365 dias) depois de um certo periodo coincidência tambem assignalada pelo nascimento heliaco e matutino de Sirius-Sothis, por isso denominaram esse periodo cyclo de Sothis (1460 astronomicos=1461 annos civis) celebrando os sacerdotes o nascimento do astro com festejos, que remontavam do tempo dos Shosus-Hor; A Mathematica tambem foi cultivada e principalmente a Geometria plana, cuja applicação era amiudadas vezes exigida para medição dos terrenos cujos limites as cheias annuaes do Nilo modificavam; a numeração egypcia era decimal. Conjuntamente com as sciencias reaes entregavam-se tambem os Egypcios ao estudo da Astrologia e da Magia.

A litteratura do antigo Egypto abraçava todos os generos, o mais pobre é o genero historico, sendo em geral os acontecimentos da historia egypcia conservados nas inscrições monumentaes; a litteratura religiosa era riquissima possuia hymnos em honra das divindades egypcias e canticos, sendo porém o seu monumento mais importante o *Livro dos Mortos* ⁽¹⁾, collecção de preces e fórmulas que o

(1) Lepsius deu a esta collecção o titulo de Todtenbuch, isto é, Livro dos mortos que é preferivel ao titulo muito exclusivo de Ritual funerario, escolhido por Champolleon e adoptado por E. de Rougé, porque são raras as prescrições relativas ao enterro, compondo-se a collecção

morto devia proferir durante a sua peregrinação no mundo d'além tumulo; os Rituaes comprehendendo as fórmulas que os sacerdotes deviam pronunciar enquanto embalsamavam o cadaver (ritual do embalsamamento) e durante o funeral (ritual dos funeraes). As collecções de maximas moraes eram muito apreciadas, sendo as mais celebres a de *Ptahhotpu* que data da quinta dynastia e as do escriba *Ani* muito posteriores notaveis pela sua elevação moral; os romances principalmente historicos e os contos tambem encontraram no Egypto numerosos cultores.

Artes. — A arte no Egypto apresenta dois caracteres: naturalista e expontaneo, nos periodos primitivos da sua historia, grandioso mas sem cunho artistico nos periodos posteriores.

As obras mais perfeitas da estatuaria attingiram á sua maior perfeição no periodo Memphita; a architectura militar civil e religiosa produziu os seus mais grandiosos monumentos durante o periodo thebano: o templo de Ammon em Karnak, o de Luqsor, o Ramesseum consagrado á gloria de

quasi exclusivamente de orações dirigidas pelo defunto ás diferentes divindades nas suas peregrinações de além tumulo (P. Perret *Le Livre des Morts des anciens Egyptiens*, traduction complète Préface pag. V.) A denominação de Ritual dá-se hoje exclusivamente aos livros que prescrevem minuciosamente e na sua ordem os actos de uma cerimonia determinada com as palavras sacramentaes que o sacerdote officiante devia pronunciar em seu nome durante o acto. No Livro dos Mortos é o proprio defunto que pronuncia as preces. (Lenormant *Histoire ancienne de l'Orient* 9^{me} edit. vol. 3 pag. 257.)

Ramsés II. A pintura ornamental, a miniatura (Livro dos Mortos, Livro do conhecimento do que ha no inferno) e a caricatura foram cultivadas desde as mais remotas éras.

As artes industriaes attingiram grande perfeição, os moveis de marfim, de ébano com embutidos, as joias cinzeladas com grande delicadeza, ornadas de pedras preciosas revellam a habilidade do operario egypcio.

3.º *Religião.* — As divindades adoradas pelos Egypcios no começo dos tempos historicos dividiam-se em tres grupos: divindades dos mortos: *Sokari Osiris Isis, Anubis e Nephthys* divindades dos elementos *Sib* a terra, *Nut* o céu, *Nu* a agua primordial; divindades solares: *Râ* o sol, *Aton* o disco solar, *Amon* o sol diurno. Cada nome tinha a sua divindade protectora deus ou deusa que unidas a uma outra divindade com o deus-filho formavam uma triade: *Osiris, Isis e Hor* o filho, adorada em Abud; *Amon, Maut, e Kous* em Thebas; *Phatah Sokhit e Imhotpu* em Memphis, porém a divindade primitiva da triade conservava a sua proeminencia e era adorada sob a invocação de deus unico (nutir) tendo cada nome o seu deus unico e sendo a concepção da unidade divina mais geographica do que religiosa.

As divindades eram em geral representadas sob a fôrma humana segurando na mão o emblema do seu poder.

Nos diferentes nomes além destas divindades eram adorados animaes, *Thot* tinha a fôrma de um cynocephalo, *Anubis* de um chacal etc.

A tendencia monotheista, que existia em germen na religião primitiva do Egypto, desenvolveu-se sob a influencia dos sacerdotes de Amon e o dogma da unidade divina tornou-se o credo, senão de todos os Egypcios, pelo menos das classes mais illustradas, que não consideravam os antigos deuses senão como nomes e fôrmas diferentes de um ser divino unico. O sol que morre e nasce diariamente offerecendo por isso o symbolo vivo da eterna renovação da divindade tornou-se a sua mais brilhante manifestação sobre a terra (1).

Uma modificação analoga realisou-se no culto dos animaes que se transformaram em encarnações das diferentes fôrmas divinas. O mais celebre e que se tornou para os Egypcios a expressão mais completa da divindade sob a sua fôrma animal era o boi *Hapi* encarnação de *Osiris* e de *Phatah*, o qual habitava uma pequena capella no grande templo de *Phatah* em Memphis.

Acreditavam os Egypcios na existencia de uma outra vida; a alma abandonando o corpo comparecia perante um tribunal onde *Osiris* e quarenta e dois juizes infernaes julgavam as suas acções:

(1). Pierret *Le Pantheon Egyptien* pag. 15.

condemnada cahia no inferno, onde padecia mil tormentos durante seculos terminando por sofrer uma segunda morte ou anniquilamento final; absolvida, ainda tinha que passar por algumas provas e perigos podendo revestir qualquer fórma para os combater até que com o auxilio de *Isis* e de *Nephtys*, depois de ter percorrido as moradas celestes e de preencher a cerimonia mystica de lavar os campos de Ailu entrava na barca do Sol identificando-se com a divindade. (1)

O culto da religião egypcia ostentava grande magnificencia e estava a cargo da corporação sacerdotal de cada templo, a cuja frente estava o summo-sacerdote, abaixo d'elle seguiam-se quatro ordens de prophetas entre os quaes eram escolhidos os sacerdotes destinados ao culto do ultimo rei defunto, seguiam-se as classes dos *abu* ou *pais divinos* e a dos escribas; os embalsamadores constituíam uma classe sacerdotal inferior.

A vida monacal não era desconhecida no Egypto e em alguns templos havia sacerdotisas e prophetisas.

(1) Na exposição das doutrinas religiosas do Egypto resumimos os ultimos resultados dos estudos de Lepage-Renouf, (*Lectures on the origin and growth of religion as illustrated by the religion of ancient Egyptians*, 1880.) Maspero, (*Revue de l'histoire des religions*, 1.^{re} année, T. I, pg. 120, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient*, 4.^{eme} ed.) Pierret, (*Pantheon Egyptien*.)

II

BABYLONIOS E ASSYRIOS

I. A Babilónia e a Assíria — II. Habitantes primitivos. — III. Divisão da História dos Babilónios e Assírios. — IV. Primeiros estados Chaldaicos. — V. Primeiro Imperio Assírio. — VI. Segundo Imperio Assírio. — VII. Imperio Chaldaico. — VIII. Civilisação.

I. — A BABYLONIA E A ASSYRIA — A Babilonia (Chaldea) e a Assíria ficavam situadas na planície banhada pelo Tigre e Euphrates denominada pelos Gregos Mesopotamía.

A Babilonia ou Chaldea ficava ao sul e tinha como limites: ao norte a Assíria; a leste o Elam; ao oeste o deserto da Arabia e ao sul o golfo Persico. Dividia-se em duas regiões: *Accad* (paiz das montanhas ao norte), *Sumer* ou *Shinar* ao sul. Cortada por numerosos canaes a Chaldea era muito fértil e contava numerosas cidades.

As principaes eram: em *Accad* Babilonia com os seus arrabaldes ou paiz de *Kar-Dunias* (recinto do deus Dunias); Sippara (Abu-Habba) *Accad* (Nazarié); no paiz de *Sumer* Ur (Mugheir) Uruk (Warka) Nipur (Niffer) Larsa (Sehkereh) e Zirgulla. (Tell-Loh.)

A Assíria occupava a parte média da bacia do Tigre e confinava: ao norte com a Armenia; a leste com a Media; ao sul com a Chaldea e Súsia; ao oeste estendia-se na direcção do Kabur e

do Euphrates. Menos fértil do que a Chaldea a Assyria contava também numerosas cidades: El-Assur (Kalah-Shergat) antiga capital que dera o nome ao paiz, Ninive capital da monarchia assyria desde 1300, Resen (Selamiyeh) Kalah (Nimrud).

II. — HABITANTES PRIMITIVOS. — Os habitantes primitivos da Chaldea e da Assyria denominados *Sumers* e *Accads* não pertenciam nem á familia dos povos semitas nem á dos indo-europeus; fallavam uma lingua agglutinante e constituíam provavelmente com os Elamitas da Susiania uma raça particular. (1)

O paiz dos Sumers e dos Accads foi mais tarde invadido por povos semitas, que fundiram-se com os habitantes primitivos, conservando-se na Assyria o elemento semita quasi puro enquanto que na Chaldea a raça primitiva foi o elemento preponderante na formação do novo povo.

III. — DIVISÃO DA HISTORIA DOS BABYLONIOS E ASSYRIOS. — A historia dos imperios babilonio e assyrio divide-se em quatro periodos: 1.º Primeiros Estados Chaldaicos; 2.º Primeiro Imperio Assyrio (....-745?). 3.º Segundo Imperio Assyrio (745-600?) 4.º Imperio chaldaico (600-538).

(1) Adoptamos a prudente opinião de Schrader, *Die Keilinschriften und das Alte Testament*, pg. XI, pg. 105, vol. I da traducção ingleza.

IV. — PRIMEIROS ESTADOS CHALDAICOS. — Nos começos da sua historia a Chaldea estava dividida em diferentes estados.

O monarca mais antigo, de que existem monumentos *Sargon I* (Sarru-cinu) reinava em Agadhé cuja corôa usurpára (3800 ant. Ch.). Principe poderoso protegeu as lettras, mandou compôr tractados sobre a magia, astrologia, presagios etc., submetteu toda a Chaldea, venceu os Elamitas e os Syrios, chegando talvez com suas armas até ás margens do Mediterraneo. Seu filho e successor *Naramsin* continuou as conquistas de seu pai (3750 ant. Ch.)

Os outros principes, que se seguem em antiguidade aos monarchas de Agadhé, usavam somente do titulo de patesi ou *pontifice-soberano*. Os mais conhecidos são : *Gudea* patesi de Zirgulla, principe edificador, que mandou vir por mar do paiz de Magan (Peninsula do Sinai) o marmore necessario para as suas edificações. *Lik-Bagas* e seu filho *Dungi* (2400 ant. Ch.)reis de Ur que parecem ter estendido o seu dominio sobre toda a Chaldea, de que Ur se tornou então capital.

Pelo anno 2300 uma invasão de Elamitas destruiu os estados nacionaes da Chaldea. Os Elamitas dominaram talvez um seculo na Chaldea sendo o primeiro dos seus principes *Kudur-Nahunta* e o ultimo *Eri-Aku*. *Kudurlagamar* que invadiu a Palestina no tempo de *Abrahão* pertence a esta

dynastia. Quebrado o dominio elamita ergueram-se novos estados nacionaes. *Sinidinnam* que se intitula rei de Ur, de Larsa dos Sumers e dos Accads, procurou restaurar a nacionalidade chaldaica ; dentre os seus successores *Rim-Sin* tornou-se notavel por algumas conquistas e pela prosperidade a que attingiu a Chaldea meridional no seu governo.

Esta prosperidade excitou a cobiça dos monarchas da Babylonia, que se haviam conservado independentes e que depois da morte de *Rim-Sin* submeteram a Chaldea meridional. Da dynastia babylonica fundada por *Sumu-abi* o principe mais notavel foi *Hammurabi*, que reinou em 1700, ao qual Babylonia deveu a sua grandeza, mandou levantar numerosos templos, e cavar canaes. Depois do reinado de alguns dos successores de *Hammurabi* os Kosseanos (*Kasschi*) povo da Susiania occidental apoderou-se da Chaldea septentrional, conservando-se durante alguns annos independentes os principes nacionaes do paiz de Sumer, até que depois de acerrima lucta toda a Chaldea reconheceu o dominio kosseano.

O primeiro monarcha kosseano de que existem monumentos é *Agu-kak-rime*.

Os seus successores alliaram-se com os reis da Assyria e o filho de um delles desposou a filha do rei assyrio *Ashshuruballit*.

Desta alliança data provavelmente a interven-

ção dos Assyrios na Chaldea, intervenção que terminou pela conquista do paiz de Accad e de Sumer e pela sua submissão á Assyria.

O ultimo rei Kosseemo de que os monumentos conservam memoria é *Kurigalzu* (1360). (1)

V.—PRIMEIRO IMPERIO ASSYRIO (. . . .—725).
—A Assyria começou por ser dependente da Chaldea e era governada por principes vassallos. Os mais antigos são os vice-reis de Assur os *patesis* *Isme-dagan* e seu filho *Samsi-Raman*, que viviam em 1760 ant. de Ch. Depois de um periodo de obscuridade em Assur começa uma dynastia de principes já independentes que se intitulam *reis*. Os mais notaveis são *Ashshurbelnisu*, que se alliou com o rei de Babylonia *Kara-indas*; *Bel-Nirar* que venceu aos Babylonios; *Raman-Nirar* que alargou as fronteiras dos seus estados á custa dos Babylonios e venceu os Kosseanos; *Salmanasar I* seu filho que fundou Calah; *Teglath-Adar* que se apoderou de Babylonia e principalmente *Teglath-Pal-Asar* (1120—1100), que pôde ser considerado o fundador da grandeza dos Assyrios.

Este principe submetteu as planicies superiores do Tigre e Euphrates, venceu os Moschios os

(1) Na exposição dos factos da historia primitiva da Chaldea seguimos principalmente a Lenormant «*Histoire ancienne de l'Orient*» continuada por E. Babelon nona edição e a E. Meyer *Geschichtes des Alterthums*. A exposição de A. H. Sayce na obra «*The ancient Empires of the East*» differe bastante em alguns pontos.

Hetteos e os seus aliados os Colchidos, poz uma guarnição assyria na cidade dos Hetteos, Pethar situada na confluencia do Sayur e Euphrates, invadiu a Chaldea e apoderou-se de Babylonia. Os seus successores não puderam conservar estas conquistas e a Assyria entrou num periodo de decadencia até que *Ashshurdan II* subiu ao throno. Este principe, seu filho *Raman-nirar II*, (911 — 889) e principalmente seu neto *Ashushurnazirpal* (883 — 858) tornaram de novo temido o nome d'Assyrio. Os exercitos assyrios percorreram victoriosos o Kurdistan, a Armenia e a Mesopotamia, *Ashushurnazirpal* venceu a *Nabubalidinna* rei de Babylonia, impoz tributo ao rei hetteo de Carchemish assim como ás cidades da Phenicia.

Seu filho *Salmanasar II* (860 — 823) excedeu ainda ás conquistas de seu pai. Submetteu primeiro as tribus ainda rebeldes do Kurdistan, impoz a paz aos Hetteos de Carchemish e em seguida venceu em Karkar ou Arver a liga formada pelo rei de Hamath, o rei de Damasco *Hadadezer*, o *Benhadad II* da Biblia, na qual entrava o rei de Israel *Akhab*. Vencidos estes principes voltou as armas contra Babylonia que se tornou estado vassallo. N'uma segunda campanha na Syria venceu a *Hazeal* novo rei de Damasco e recebeu tributo de *Jehú* rei d'Israel.

No fim de seu reinado uma rebellião, tendo á

sua frente seu filho primogenito á favor do qual se haviam declarado vinte e sete cidades e entre ellas Assur e Ninive, pretendeu depôr o velho rei; mas foi vencida por seu filho segundo *Shamshiraman*, que lhe succedeu, occupando o throno depois do curto reinado deste, *Ramannirar III* que impôz tributo ao rei *Mariah* de Damasco, aos Phenicios, Israelitas, Edomitas e Philisteus. Depois da sua morte começou a Assyria a decahir rapidamente sob o governo dos reis *Salmanasar III Ashshurdan III*, para o que muito contribuíram as revoltas no interior, que terminaram no reinado de *Ashshurnirari*, ultimo principe desta dynastia, por uma rebellião do exercito, que elevou ao throno um aventureiro militar *Phul* que tomou o nome de *Teglath-pal-asar II* e com o qual começa o segundo imperio assyrio. (745 ant. Ch.) (1)

VI.—SEGUNDO IMPERIO ASSYRIO (745-625?)—O segundo imperio assyrio não foi só uma monarchia conquistadora, como o primeiro, mas tambem organisadora e commercial. *Teglath-pal-asar* (745-727) procurou organizar as suas conquistas, dividindo o imperio em provincias, que deviam pagar annualmente um tributo determinado.

A sua primeira campanha foi contra os baby-

(1) Seguimos a hypothese de Schrader considerando *Phul* e *Teglath-pal-asar II* o mesmo principe (*Die Keilinschriften and das Alte Testament* pr. 19 pag. 219—231 da traducção ingleza.)

Ionios annexando á Assyria a região septentrional deste paiz ; venceu em seguida as tribus do Kurdistan, submetteu a Syria septentrional e impoz tributo a *Manahem* rei de Israel, a *Rezon* rei da Syria, a *Hiram* rei de Tyro e a *Pisiris* rei de Carchemish. Guerreou depois na Armenia e interveiu na Palastina a favor de *Akhaz* rei de Judá que *Pekak* rei de Israel e *Rezon* rei de Damasco pretendiam desthronar.

Os inimigos de Judá foram vencidos, Damasco cahiu nas mãos do vencedor, sendo os seus habitantes cunduzidos para *Kir*, e a Syria foi reduzida a provincia. A ultima campanha de *Teglath-pal-sar* foi contra a Chaldea, apoderando-se de Babylonia e outras cidades importantes.

Subiu ao throno *Elulwoos* de Tinu sob o nome de *Salmanasar IV* (727-722), cujo curto reinado apenas foi notavel por uma expedição mallograda contra Tyro e pelo começo da guerra contra Israel, morrendo este monarcha durante o sitio de Samaria.

Sucedeu-lhe um outro usurpador *Sargon II*, o rei mais poderoso da monarchia assyria: Este principe tomou Samaria (720 ant. Ch.), parte dos habitantes foram levados captivos, ficando o paiz administrado por um governador assyrio.

Repelliu em seguida os Elamitas, venceu a *Ibi-bihdi* que se tinha proclamado rei e arrastara consigo as cidades de Arpad, Damasco e Samaria,

que foram submettidas, venceu os egypcios em Raphia e em seguida a *Psiris* rei hetteo de Carchemish e os alliados deste os Moschios. *Sargon* teve depois que sustentar uma luta, que durou seis annos na Armenia, que se achava dividida em differentes reinos sendo o mais poderoso e civilisado o de Van, esta luta terminou pela submissão da Armenia e suicidio de *Ursa* rei de Van e chefe da colligação.

Finalmente depois de ter derrotado os Phenicios, tomado Ashdod vencido aos Elamitas, que se haviam declarado a favor de *Merodach-Baladan*, o qual aproveitando-se da morte de *Salmanasar IV*, se declarara independente na Chaldea, venceu a este principe e fez uma entrada triumphal na cidade de Babylonia (710 antes de Ch.)

Sargon morreu assassinado na cidade por elle edificada Dur-Sargon ou Korsabad.

Sucedeu-lhe seu filho *Sennacherib* (705-681) que teve logo que combater *Merodach-Baladan*, que depois da morte de *Sargon* se apoderara novamente do throno de Babylonia, vencendo-o em Kis. Em seguida marchou contra a Phenicia e Palestina onde *Hirkiah* rei de Judá e outros soberanos se recusavam a pagar tributo, confiados no auxilio de *Tirhakah* rei do Egypto. Sidon Sa-repta e Acre foram tomadas e o rei de Sidon, *Euli* obrigado a fugir para Chypre. Os outros reis

submeteram-se. O exercito egypciô que vinha em soccorro destes principes foi vencido, indo em seguida os Assyrios sitiar Jerusalem; porém a peste tendo se declarado no seu exercito retiraram-se para Assyria.

O resto do reinado de *Sennacherib* foi occupado em debellar as amiudadas rebelliões da Chaldea, que tiveram successivamente por chefes *Mardukbaliddina* e *Shuzub*, e em guerrear os Susianos e Elamitas.

Sennacherib morreu assassinado por dous de seus filhos *Adrammelech* e *Nergalsharushshur* ciosos da preferencia que o rei tinha por seu irmão *Asarhaddon*.

Asarhaddon (681-668). Este principe, que commandava o exercito dos Assyrios n'uma campanha na Armenia, quando foi morto *Sennacherib*, apressou-se em ir tomar conta do throno, o que conseguiu depois de ter vencido seus irmãos em Khanizabbat. *Asarhaddon* revelou grandes talentos politicos e militares. Submetteu a Media, impoz tributo aos Arabes; mas a sua campanha principal foi contra o Egypto, que submetteu depois de ter vencido a *Taharqû* que foi obrigado a abandonar este paiz refugiar-se em Napata.

Pouco depois de terminada a conquista do Egypto *Asarhaddon* morreu (667 antes de Ch.) depois de ter abdicado um anno antes em seu filho *Ashshurbanipal* (667-626?)

Ashshurbanipal, teve durante o seu reinado que combater as numerosas revoltas dos differentes estados descontentes com o dominio dos Assyrios. O Egypto que se declarara a favor de *Taharqú* foi invadido duas vezes sendo destruida Thebas. Na Phenicia o rei de Tyro, *Baal*, submetteu-se. Em seguida o monarcha assyrio venceu a *Urtaki* rei de Elam, que havia invadido a Chaldea.

Uma nova rebellião, em que entravam quasi todos os estados vassallos e tendo á frente o irmão do rei *Shamashshumukin* vice-rei de Babylonia ameaçou a existencia do imperio Assyrio ; mas foi debellada e os rebeldes castigados com a maior crueldade: o vice-rei de Babylonia foi morto e a cidade destruida. Estas lutas e a ultima campanha do reinado de *Ashshurbanipal* com o Elam exauriram as forças da Assyria a ponto de ter de resignar a suzerania do Egypto e de outros paizes.

Ashshuredililami filho de *Ashshurbanipal* procurou em vão deter a decadencia da Assyria ameaçada pela revolta de todas as suas provincias ; *Nabupalussur* general enviado por elle para defender Babylonia trahiu-o, fez-se proclamar rei de Babylonios e alliou-se com a Meda *Kyaxares*, encetando a luta com a Assyria.

Asarhaddon II, o Saracos da tradição grega, o ultimo rei da Assyria trahido pelas armas encerrou-se em Ninive, onde após tenaz resistencia para não

cahir vivo nas mãos dos inimigos queimou-se no seu palacio. Os vencedores partilharam os estados do vencido: a *Kyaxares* coube a Assyria e suas dependencias, a *Nabupalussur* a Babylonia, a suzerania sobre a Meopotamia, Syria e Palestina.

VII. — IMPERIO CHALDAICO (600-539). — A Historia da Chaldea, desde a extincção da dynastia kosseana até a tomada de Ninive, é a de uma luta continua com a Assyria para conservar a sua independencia. Reduzida a provincia do Imperio Assyrio, no tempo dos Sargonidas, tentou recuperar por differentes vezes a sua independencia até que o conseguiu graças a *Nabupalussur* que fundou o Imperio Chaldaico.

Nabupalussur pretendeu fazer valer os direitos de suzerania do antigo imperio assyrio sobre o Egypto, do que resultou uma guerra em que seu filho *Nabukudurussur* venceu o pharaó do Egypto Nechao em Carchemish.

Naubukudurussur II, que occupou logo depois desta victoria o throno, foi o principe mais glorioso do Imperio Chaldaico. Venceu os Armenios, os Elamitas, e os Syrios: tendo o rei de Judá se revoltado tomou e arrasou Jerusalém levando captivos para a margem do Euphrates os habitantes. Foi mal succedido em uma expedição contra Tyro; mas venceu os Ammonitas, Moabitas e Idumeus, e invadindo a Arabia chegou até á fronteira do Yemen.

A cidade de Babylonia foi dotada com numerosos e sumptuosos monumentos.

Sucedeu-lhe seu filho *Evil-Merodach* que foi assassinado depois de um curto reinado de dois annos por seu cunhado *Nirgalsharussur* o qual morrendo deixou como successor uma creança que foi morta; subindo ao throno *Nabunahid* que teve de luctar com um novo imperio que se levantara na Asia : a Persia.

Kyros depois de ter vencido a *Astyages* invadiu a Chaldea, venceu ao exercito chaldeo em Rutu cidade chaldaica do sul da Babylonia; seguindo-se a esta victoria uma revolta do povo de Accad contra *Nabunahid* e abrindo Sippara as suas portas ao vencedor.

O rei chaldaico fugio para Babylonia, onde foi aprisionado por *Gubaru* general de *Kyros* que entrou na cidade sem encontrar resistencia. Entrando dias depois em Babylonia o rei dos Persas proclamou a paz e nomeiou *Gubaru* governador da cidade. *Nabunahid* prisioneiro morreu dias depois da tomada da capital dos seus estados, sendo sepultado com as honras reaes e tomando o povo luto por sua morte (1)

(1) O Balthazar o rei de Babylonia da Escripura ou é o mesmo que Nabunahid ou nunca existiu pois o filho de Nabunahid conhecido pelas inscripções deste monarcha sob o nome de Belsarucur que muito se assemelha a forma hebraica. Belsaçar (Balthazar) nunca reinou. J. Halevy: *Cyrus et le retour de la captivité* pg. 6 in *Melanges de critique et d'Histoire relatifs aux peuples, sémétiques. Cyrus et l'origine des Achemenides* pg. 49-52 e pg. 260 in *Museon* 1883. P. H. Keiper *Encore quelques observations sur les inscriptions récemment découvertes touchant Cyrus* pg. 611 in *Museon* 1885.

VIII. — CIVILISAÇÃO. 1.º *Organisação politica e social.* — A Babylonia e Assyria formavam uma monarchia absoluta sendo a authoridade suprema religiosa e politica exercida pelo rei o qual, porém, não era, como no Egypto, considerado como um ser divino.

Os grandes dignitarios da corôa eram o *tar-tan* ou general em chefe das tropas, o *rab-saris* ou intendente de palacio, o *rab-saq* copeiro-mór.

O Estado dividia-se em provincias, cujos governadores nomeados pelo rei eram temporarios, os das provincias afastadas correspondiam-se com o monarcha por meio de correios. Os impostos eram de duas especies: contribuição de guerra, imposta em seguida á tomada de uma cidade ou depois de alguma expedição, e contribuição annual imposta pelos governadores a cada provincia, segundo os seus recursos paga em generos e barras de ouro ou de prata. As leis criminaes eram muito severas, a pena de morte era em geral precedida de supplicios atrozes; as leis civis garantiam o direito de propriedade, estabeleciam formas solemnes para a transmissão dos bens, as dividas eram garantidas e o devedor insolavel ficava reduzido a escravo do credor. Ao monarcha competia o julgamento de todas as causas em ultima instancia. O exercito compunha-se de um corpo de milicia real, que combatia ao lado do rei, o qual,

durante a paz, devia velar pela sua segurança, dos contingentes das provincias compostos de todos os homens validos, os quaes eram licenciados terminada a guerra, e das tropas fornecidas pelos reis vassallos. Os corpos que formavam o exercito eram a infantaria. a cavallaria e os carros de guerra ; o seu commando pertencia ao rei e na sua ausencia ao tartan.

A familia baseava-se na authoridade paterna, e a polygamia, ainda que permittida, era sómente usada pelas classes abastadas, os casamentos estavam sob a protecção especial do deus *Nisruk* e a noiva levava como dote bens immoveis, de que o marido não podia dispôr.

Os Assyrios e Babylonios excederam a todos os povos da antiguidade na agricultura, que deu resultados prodigiosos devidos em grande parte ao systema perfeito de irrigação adoptado no valle do Tigre e Euphrates ; o trigo, a cevada, o milho, além de numerosos fructos, eram abundantes e o commercio importantissimo. Ninive e Babylonia eram os dous emporios commerciaes do imperio.

Ninive exportava as riquezas mineralogicas do seu territorio : betume, enxofre, sal, chumbo, ferro, prata e o marmore dos montes do Kurdistan ; Babylonia o producto de suas fabricas : estofos de linho, tapetes, recebendo em troca os vinhos da Armenia, as pedras preciosas da India, o ambar,

o marfim, o ebano da Arabia; o Tigre e o Euphrates eram as duas grandes vias commerciaes, além das estradas, que partiam de Babylonia.

Sciencias, Litteratura e Artes. — O systema de escripta usado no imperio Assyrio-Babylonico conservava ainda vestigios da sua origem ideographica; os seus caracteres denominam-se *cuneiformes* por serem formados pelas differentes combinações de um traço tendo fórma de cunha; são syllabicos e polyphones isto é representam syllabas e differentes sons sendo gravados em tijolos. (1)

A Astronomia foi a sciencia que os babylo-nios cultivaram com mais predilecção.

Calcularam o movimento diurno e apparente do sol e da lua, a irregularidade da marcha dos planetas e os seus retrocessos. A divisão da ecliptica em doze partes iguaes, constituindo o Zodiaco, a do circulo em tresentas e sessenta partes iguaes ou graus, a do grau em sessenta minutos e a do minuto em sessenta segundos tambem são descobertas devidas aos astronomicos chaldeos. O anno dividia-se em tresentos e sessenta dias distribuidos

(1) Segundo a opinião geralmente aceita pelos assyriologos foram os habitantes não semiticos da Chaldea que introduziram este systema de escripta a cuja lingua o *Accadico* pertencem algumas das inscrições descobertas, que ou vem isoladas ou acompanhadas de uma traducção em assyrio, occupando o texto accadico a 1.^a columna. Halevy e Guyard negam a existencia dos Accads e Sumers e consideram as inscrições da 1.^a columna não como escriptas na lingua desse povo mas como uma cryptographia dos textos assyrios. As ultimas descobertas de Sarzec parecem destruir esta hypothese.

por doze mezes de trinta dias divididos em quatro periodos de sete dias sendo excluidos dois dias desta divisão. Para estabelecer o accordo entre o anno civil e o anno verdadeiro todos os seis annos accrescentavam um decimo terceiro mez ao anno de doze mezes. As denominações dadas aos mezes pelos Chaldeos foram adoptadas pelos Judeus e por quasi todos os povos semitas. Na Mathematica distinguiram-se muito os Chaldeos inventaram todas as operações de Arithmetica conhecidas e o seu systema de pesos e medidas baseava-se como o systema metrico, em uma unidade fundamental medida linear que era o empau (0,270 millimetros). A Astrologia e a Magia constituiram um dos estudos mais cultivados pelos sacerdotes chaldeos.

A litteratura mythologica e religiosa devia ser riquissima julgando-se pelos fragmentos que chegaram até aos nossos dias, destacando-se a narração do diluvio de *Xisuthrus*, o Noé babilonico, e que apresenta grandes semelhanças com a narração biblica; os fragmentos de uma epopéa narrando a descida da deusa *Istar* ao Inferno; hymnos religiosos e genealogias dos deuses, etc. Na bibliotheca do palacio de Ninive encontraram-se differentes obras sobre grammatica, dictionarios, syllabarios, etc.

Artes. — Na Chaldea onde não se encontra

marmore nem pedra para construcções os chaldeos empregaram nas suas edificações tijolos, na Assyria onde o marmore e o alabastro eram abundantes os assyrios, imitando os chaldeos, empregaram o mesmo material revestindo porém os muros com placas de marmore e substituindo por esculptura em baixo relevo as pinturas chaldaicas. Distingue-se a architectura babilonica pelo seu character religioso em quanto que na Assyria a architectura civil tinha a primasia. As ruinas mais importantes da Assyria são as dos palacios de Nimrud e de Khorsabad muito inferiores como obra artistica aos palacios de Karnak e ao Ramesseum. (1)

Na esculptura dos baixo-relevos distinguiram-se os assyrios attingindo a esculptura a sua maior perfeição no reinado de *Ashshurbanipal*, mas na estatuaria os babilonios levaram-lhes grande vantagem. A pintura era apenas empregada para colorir as figuras, sendo mais empregadas as côres azul e amarello.

Nas artes industriaes chegaram a verdadeira perfeição: as fabricas de tecidos de Babilonia eram celebres na antiguidade, os moveis com incrustações de metaes, as joias de ouro, prata mostram

(1) Perrot et Chipiez, *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*, Tom II, Chaldee et Assyrie, pg. 797.

que os operarios da Assyria e Babylonia não eram inferiores aos do valle do Nilo.

3.º *Religião*—Os habitantes primitivos da Chaldea os Accads e Sumers acreditavam que cada objecto e força da natureza tinha o seu espirito *Zi*, cujo numero era infinito, sendo beneficos ou maleficos conforme os objectos ou forças que representavam. Alguns destes espiritos foram adquirindo preponderancia e elevando á dignidade de deuses como o *Anu* o céu, *Mul-ge* a terra, *Ea* as trevas, os espiritos do deus-lua do deus-sol e dos outros planetas. Com a influencia do elemento semita as divindades dos Accads e Sumers que symbolisavam os elementos, perderam a sua importancia sendo collocadas entre os trescentos espiritos celestes e os seiscentos espiritos terrestres, predominando o culto das divindades sideraes. *Bel* ou *Baal* tornou-se a divindade solar, considerado ora como divindade benefica dispensadora da vida e da luz ora como divindade malefica exigindo o sacrificio dos primogenitos para apasiguar a sua cólera

Ao lado de cada divindade masculina os Semitas collocaram uma divindade feminina.

Ao lado de *Belo*, *Belit*; de *Anu*, *Anat*. (1)

Alem destes deuses os assyrios e babylonios

(1) Não eram senão pallidos reflexos da divindade masculina creadas por assim dizer por uma necessidade grammatical. (Sayce Assyria: *Its Princes, Priests, and People* pag. 57.)

prestavam culto a *Assur* o deus nacional da Assyria, a *Adar* o deus da guerra, a *Istar* deusa de duplo character voluptuoso e guerreiro e outros que constituíram o Pantheon assyrio e fazendo parte das doze grandes divindades a que era dedicado o culto official. (1)

Os assyrios e babilonios acreditavam na continuação da existencia além da morte. A região dos mortos é o paiz de *Arallu* dominio das divindades que eram *Nergal* e *Allat* (2) porém a idéa de uma pena ou recompensa futura parece ter sido desconhecida na Assyria e Babilonia. Acreditavam tambem que a alma (*ekimú*) separada do corpo frequentava o tumulo do defunto e dahi o cuidado com que tratavam das sepulturas, encerrando nellas

(1) Esses deuses vem enumerados do seguinte modo no protocolo da grande inscripção historica de Ashurnazirpal.

Assur o deus poderoso, o rei da assembléa dos deuses poderosos, Anu o deus impenetravel o Senhor que dirige os destinos Salman-Nisruk o rei da atmospherá, senhor dos mysterios.

Sen, o sabio, o senhor, dos mundos o que rega as planicies.

Marduk, o sabio, o deus dos oraculos.

Raman, o impenetravel o senhor supremo.

Adar-Sandan, o heroe dos combates divinos que vence os inimigos.

Nabu o deus que transmite o sceptro, o deus que vela.

Belti esposa de Bel, mãe dos deuses poderosos.

Nergal o Senhor dos combates.

Bel-Dagan o pai supremo dos deuses, o architecto, o creador.

Samas o arbitro do céu e da terra, o mensageiro da assembléa dos deuses.


Istar, a soberana do céu e da terra, a que julga os heroes.

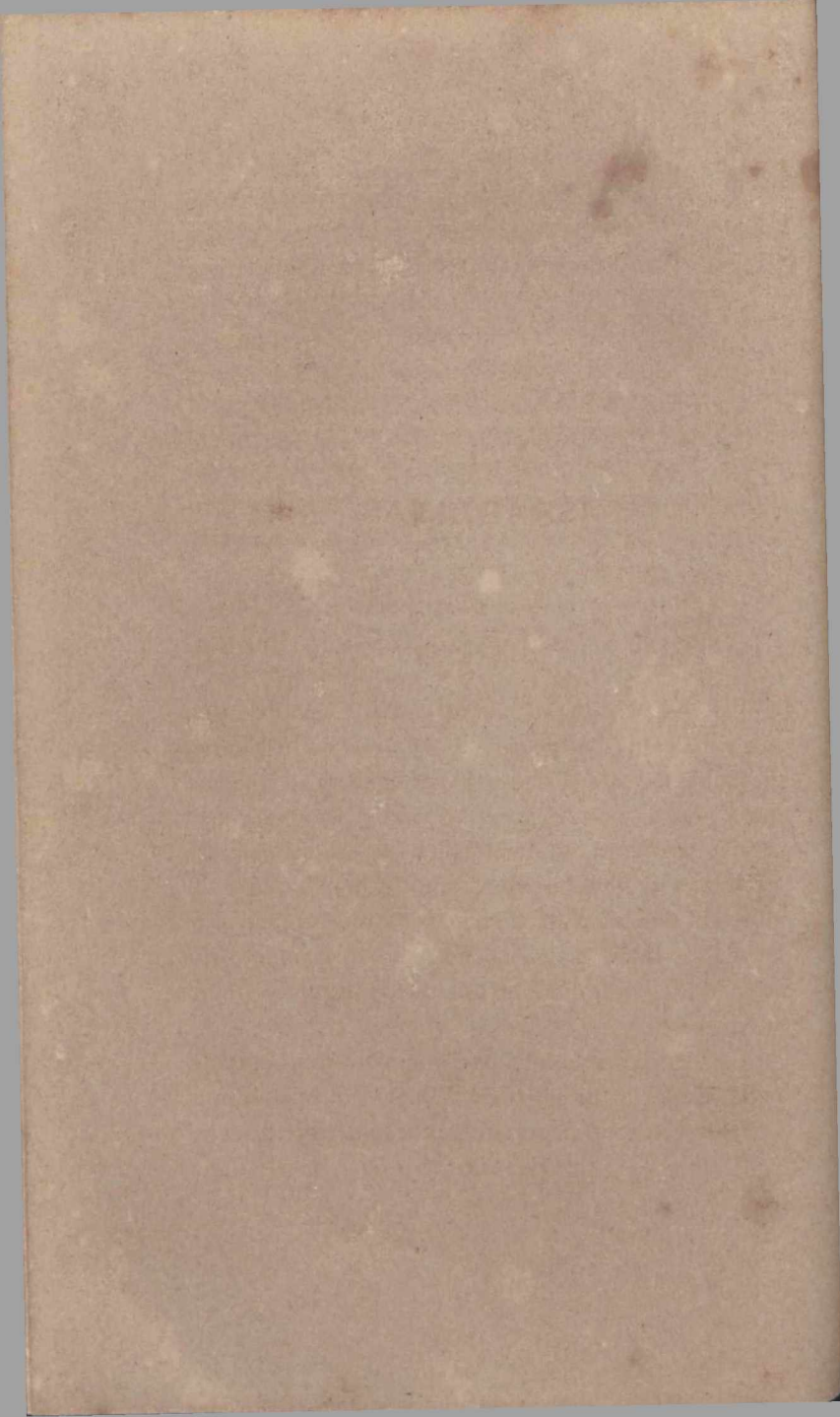
Taes são os deuses poderosos que presidem aos destinos do paiz e engrandecem a realéza. (Lenormant, *Histoire ancienne de l'Orient*, continúe par E. Babelon neuvième édition tomo 5.º pag. 241 1.º vol.)

(2) Os assyrios collocavam esta região no norte, a praia onde desaparece o sol. O paiz de Arallu é tambem a terra de ouro sendo muito provavel que o nome do lago Aral seja uma alteração da antiga denominação assyria (Oppert *L'immortalité de l'âme chez les Chaldeus extrait du tome VIII des Annales de Philosophie chrétienne*, 1874 pag. 4).

os objectos que o morto havia usado, vasos com bebidas, armas etc. Se o tumulo era violado por falta de cuidado dos parentes a alma errante *ekim* perseguia-os sem piedade inflingindo-lhes todos os males.

O culto assyrio-babylonico ostentava grande pompa, e estava a cargo da poderosa corporação dos Magos Chaldeos divididos em differentes cathogorias: os *Kasdem* ou chaldeus propriamente ditos, interpretes dos livros sagrados; os *hartumim* ou esconjuradores; os *gazrem* ou astrologos; os *hakamem* medicos; os *asaphem* adivinhos, todos tinham o titulo de sabios (gabri).





CIVILISAÇÕES SEMITAS

I

ISRAELITAS

- I. A Palestina — II. Habitantes primitivos. — III. Divisão da historia dos israelitas em periodos. — IV. As origens. — V. Os Juizes. — VI. A monarchia até á separação das tribus. — VII. Reino de Israel. — VIII. Reino de Judá. — IX. Civilização.

I. — DESCRIÇÃO GEOGRAPHICA. — A Palestina cujo nome deriva do povo *Philisteu* que fundou nesta região alguns estados é tambem conhecida pelo nome de *Terra de Canaan*, *Terra da promessa* e *Terra de Israel*; fica situada na margem oriental do Mediterraneo, tendo como limites: ao norte, a Phenicia, o Libano e o territorio de Damasco; a léste, o deserto; ao sul, a fronteira do mar Morto, seguindo a torrente do Egypto até ao Mediterraneo.

A Palestina é um paiz montanhoso, cortado pelas duas ramificações do Libano: o Libano propriamente dito e o Anti-Libano que penetrava no

territorio de Israel, e tem como canaes principaes: o *Nebo*, o *Thabor*, o *Gelboé* e os montes de *Sião*, *Moriah* e *das Oliveiras* no recinto de Jerusalem. O unico rio, digno deste nome, da Palestina é o Jordão, que nascendo ao norte na gruta de Paneas atravessa os lagos Meron, Tiberiade ou de Genezareth e lança-se no mar Morto; as suas margens assim como as do lago de Genezareth eram muito fertéis produzindo a vinha, fructas, trigo, etc.

II. — HABITANTES PRIMITIVOS. — Os habitantes primitivos da Palestina eram, segundo a tradição, os *Rephains*, os *Nephilins* e os *Enaquitas*, que foram subjugados por tribus de raça cananêa que tinham vindo das margens do golfo Perisco, sendo as mais poderosas a dos *Amorrhœus*, dos *Heteos*, dos *Heveos* e dos *Jebuseos*, que fundaram na região conquistada diversos estados civilisados. Foi entre os povos cananeos que se estabeleceram os *Terachitas*, descendentes de *Tharé*, que conservando-se fieis ao *monotheismo*, religião primitiva da sua raça, abandonaram a cidade de Ur na Chaldeia e tendo á sua frente *Abrahão* atravessaram o Euphrates; donde lhes veio o nome de hebreos (homens d'além), e entraram na Palestina.

III. — DIVISÃO DA HISTORIA DOS ISRAELITAS EM PERIODOS. — A historia dos hebreos divide-se em cinco periodos: 1.º As origens da vinda de

Abrahão para a Palestina até á sua conquista pelas tribus; 2.º Juizes, da conquista da terra de Canaan até ao estabelecimento da realza; 3.º A monarchia, do estabelecimento da realza até á separação dos reinos (1095-975); 4.º Reino de Israel (975-721); 5.º Reino de Judá (975-588).

IV.— AS ORIGENS.— Os hebreus consideravam a *Abrahão* como chefe de seu povo e depositario das suas tradições, que as eram de origem do mundo e da humanidade. Segundo estas tradições um Deus unico, eterno, omnipotente, creou o mundo e tudo quanto nelle existe, tirando-o do nada e terminando a sua obra pela criação do homem *Adam* e da mulher *Eva* os quaes tiveram por primeira habitação um jardim cheio de delicias o *Eden*, do qual foram expulsos por sua desobediencia ás ordens do Senhor.

Adam e *Eva* tiveram primeiro dois filhos *Cain* e *Abel*, sendo este morto por *Cain* que, perseguido pelo remorso, fugiu para o paiz de *Nod* situado ao oriente do *Eden* onde fundou a primeira cidade *Enochia*; os seus descendentes foram denominados filhos dos homens emquanto que os de *Seth*, outro filho de *Adam*, foram denominados filhos de Deus.

No tempo de *Noé* descendente de *Seth* reinando grande corrupção entre os homens castigou-os Deus por meio de um diluvio no qual pereceu toda a humanidade menos *Noé* e seus filhos *Sem*, *Cham* e *Japhet* com suas familias.

A *arca* na qual *Noé* por ordem de Deus se recolhera parou ao cabo de quarenta dias no monte *Ararat*, donde os seus descendentes emigraram para a planície de *Senaar* banhada pelo Tigre e Euphrates. Ahi querendo evitar de pe-recer num outro diluvio projectaram construir uma elevada torre (*Torre de Babel*) que lhes servisse de abrigo ; porém não puderam concluil-a porque Deus, para punir-lhes o orgulho, confundiu as suas linguas de modo que foram obrigados a separar-se. Os descendentes de *Cham* povoaram a Africa e uma parte da China, os de *Sem* a Asia, e os de *Japhet* uma parte da Asia e da Europa.

Abrahão descendente de *Sem* por *Tharé*, que se conservara fiel ao culto monotheista dos seus antepassados, separou-se das outras tribus da mesma origem, que se entregavam á idolatria, e deixando Ur na Chaldea veiu com sua mulher *Sara*, seu sobrinho *Loth* e os seus estabelecer-se na terra de Canaan. Ahi separou-se de *Loth* que se estabeleceu proximo das cidades das margens do mar Morto Sodoma e Comorrha, sendo pouco depois feito prisioneiro pelo rei de Elam *Kudur-lagamar* que invadira a Palestina e liberto por *Abrahão*.

Isaac filho de *Abrahão* e de *Sara* continuou a sua familia, e de *Ismael* seu filho e da escrava *Agar* descendem os Arabes ismaelitas.

Isaac de sua mulher *Rabecca* teve dois filhos

Esau e *Jacob*, sendo este obrigado para fugir á colera de seu irmão, a quem despojára do direito de primogenitura, a refugiar-se na Mesopotamia em casa de seu tio materno *Laban* desposando duas filhas deste *Lia* e *Rachel*.

Jacob teve doze filhos : *Ruben*, *Simão*, *Judá*, *Levi*, *Dan*, *Nephtali*, *Gad*, *Azer*, *Issachar*, *Zabulon*, *José* e *Benjamin*, dos quaes descendem as doze tribus de Israel. *Jacob* voltou depois para a Palestina vivendo em paz com *Esau* até que com sua familia foi se estabelecer no Egypto onde seu filho *José*, que fôra vendido por seus irmãos, attingira a mais elevada posição. Os hebreus habitavam no Egypto o paiz de *Goshen* no Delta, vivendo em paz com os naturaes do paiz até á expulsão dos *Hicsos*, começando então a serem perseguidos pelos principes de Thebas, que tinham conseguido estender a sua autoridade sobre todo o valle do Nilo.

A perseguição chegou a ponto de serem obrigados a lançar no Nilo todos os recém-nascidos varões. Uma dessas creanças da tribu de Levy foi salva pela filha do rei que lhe poz o nome de *Moisés* (salvo das aguas).

Educado na côrte mas sem esquecer a sua origem, *Moisés* foi obrigado a refugiar-se no paiz de Mandian por ter morto um egypcio que maltratara um hebreu. Em Madian *Moisés* desposou a

Sephora, filha de *Jethro* chefe e sacerdote da tribu dos Madianistas e ahi, no monte Horeb, Deus ordenou-lhe que libertasse os hebreus do jugo dos egypcios.

Voltando para o Egypto com seu irmão *Aarão* conseguiu, depois de obrar grandes prodigios (pragas do Egypto), que fosse permittido aos hebreus deixarem o paiz.

Moisés á frente do povo tinha chegado ás margens do mar Vermelho quando foi alcançado pelo exercito, que o *Pharaó* arrependido mandára em sua perseguição, e vendo-se perdido estendeu as mãos sobre as aguas que separando-se permittiram que os hebreus atravessassem o mar a pé enxuto, unindo-se depois fizeram perecer todo o exercito egypcio.

Os hebreus entraram em seguida no deserto da Syria onde permaneceram durante quarenta annos, manifestando-lhes Deus a sua protecção por numerosos prodigios e dando-lhes no monte Sinai a lei que os devia reger. *Moisés* morreu antes dos hebreus terem entrado na terra de Canaan e succedeu-lhe *Josué*.

Josué atravessou o Jordão á frente dos Israelitas tomou Jerichó vencendo depois a *Jébus* chefe da confederação das tribus cananéas do sul e a *Jabino* rei de Hazor, que commandava as tribus cananéas do norte. Durante sete annos durou a

luta ao cabo dos quaes as tribus estabeleceram-se no paiz de Canaan, conservando comtudo os habitantes primitivos parte do territorio e algumas cidades. Na margem esquerda do Jordão estabeleceram-se a tribu de Gad e parte da de Manassé, occupando as outras tribus o territorio da margem direita: ficavam ao norte as tribus de Issachar, Azer, Zabulon e Nephtali; no centro a de Ephraim e parte da de Manassé; (1) ao sul as de Judá, Simeão, Benjamim e Dan. A tribu de Levi, devendo dedicar-se ao serviço do culto nacional não foi contemplada na partilha.

V. — Os JUIZES (. . . . — 1095). — Os povos, entre os quaes se tinham estabelecido os Israelitas pas-sada a surpresa causada pela invasão, impozeram por seu turno e por differentes vezes o seu dominio aos invasores submettendo parte ou a totalidade dessas tribus. Alguns episodios dessa luta, que sobreviveram conservaram o nome daquelles, que pelos seus esforços conseguiram libertar as tribus por differentes vezes. Esses homens cuja authoridade, era em geral durante a sua vida, reconhecida pelas tribus libertas, foram denominados Juizes d'Israel: (2) estes chefes foram: *Ehud* da tribu de Benja-

(1) As tribus de Manassé e de Ephraim descendiam de dois filhos do José.

(2) A denominação Juiz é impropria e parece designar uma magistratura civil e organizada regularmente. A palavra hebraica *Shophet*, a mesma que se encontra nas épocas classicas sob a fórma de *suffeta* tem este sentido mas exprime mais uma idéa de commando absoluto regular ou não e seria preferivel a sua traducção pela palavra chefe, principe, capitão, etc. (Maspero *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient*, pag. 307 vol. 2.º 4.ª edição).

min que matou a *Eglon* rei de Moab, *Barak* que instigado pela prophetisa *Deborah* venceu ao rei de *Hazor*, *Gedeão* ou Jerubal da tribu de *Manassé* que derrotou os Amalecitas que devastavam o territorio das tribus orientaes. Estabeleceu a séde do seu governo em *Ophra* depois da sua morte seu filho *Abimelek* foi proclamado em *Sichem* mas pereceu depois de curto reinado no cêrco de *Tebez* cidade que se rebellara contra a sua authoridade; *Jephté* que libertou o paiz de *Galaad* dos *Ammonitas*, *Samsão* que combatteu com os *Philisteus*, ⁽¹⁾ *Eli* sacerdote ao qual estava confiada a guarda da arca em *Shiloh* que não pôde deter os progressos dos *Philisteus*, que venceram os israelitas em *Apek*, cahindo a arca nas mãos dos inimigos e perecendo no combate os seus dous filhos *Khofni* e *Pinehas*.

Depois desta victoria os *Israelitas* ficaram sob o dominio dos *Philisteus* durante mais de vinte annos. *Samuel* que conseguiu reanimar o espirito nacional, venceu os *Philisteus* e restabeleceu o culto nacional, seus filhos porém tornaram-se impopulares a ponto do povo pedir a *Samuel* um rei. Este sagrou a *Saul* da tribu de *Benjamim*.

(1) Os philisteus eram indo-europeus e originarios provavelmente da ilha de *Creta* faziam parte das tribus que invadiram o *Egypto* no tempo de *Ramsés III*. Sendo vencidos submeteram-se ao *Pharaó* egypcio que lhes concedeu o territorio situado entre a *Syria*, o *Mediterraneo* e o deserto estendendo-se desde a torrente do *Egypto* até proximo de *Joppé* onde estabeleceram o seu dominio sobre as cinco cidades *Gaza*, *Ascalon*, *Ashdod*, *Ekron* e *Gath* que formavam uma especie de confederação.

VI.— A MONARCHIA ATÉ Á SEPARAÇÃO DAS TRIBUS (1095-975). *Saul* (1095-1058) Este monarcha venceu os Ammonitas os Moabitas os Idumeos e os Syrios e estabeleceu a sua residencia em Gibeá.

Não durou muito a harmonia entre o propheta e o novo rei, querendo este usurpar as funcções sacerdotaes *Samuel* sagrou a *David* filho de *Ishai* da tribu de Judá. *David* que se distinguira na luta contra os Philisteus desposou a *Mikal* filha de *Saul*; mas crescendo a popularidade que lhe haviam grangeado as suas proezas o rei de Israel cioso e temendo talvez alguma tentativa de usurpação da parte de *David* começou a perseguil-o de tal modo que o obrigou a refugiar-se entre os philisteus que lhe deram a cidade de Ziklag. Rompendo novamente a luta contra os Philisteus *Saul* foi vencido e morto na planicie de Iezreel perecendo seu filho *Jonathan* no combate.

O resto do exercito tendo á sua frente *Abner* refugiou-se no paiz de Galaad onde proclamou rei a *Ishbaal* filho de *Saul* emquanto que a tribu de Judá proclamava rei a *David*. Seguiu-se uma luta, que durou sete annos e cuja terminação seria fatal para *David*, se *Abner* insultado gravemente por seu amo não tivesse abandonado *Ishbaal*. Este foi pouco depois assassinado reconhecendo os seus partidarios em Sichem depois da sua morte a *David* como rei

sendo depois proclamado por todas as tribus em Hebron. (1)

David.— (1058-1017).— A antiga capital da monarchia Hebron foi transferida para Jebus que *Joab* seu general tomara ao Jebuseos, sendo o nome mudado pelo de Jerusalém. A arca d'alliança, que estava em Keriath-Jearim, veio occupar o monte Sião no recinto da nova cidade a qual por sua posição dominava sobre o territorio das duas tribus mais poderosas: Ephraim e Judá. *David* venceu depois de demorada luta os Philisteus que haviam invadido Judá e sitiado Bethlehem, aniquilando para sempre o seu poder militar. Os Moabitas foram submettidos e *Hadadezer* rei de Zobah, que havia successivamente desthronado os outros principes syrios seus rivaes reis de Damasco, Maakhâ, Hamath e Rohob foi vencido pelo monarcha judaico.

Os seus generaes *Joab* e *Abishai* conquistaram a Idumea e estabeleceram guarnições judaicas em Elath e Aziongaber. Uma ultima luta contra o rei dos Ammonitas, *Hanoun*, *Hadadezer* e os outros reis da Syria, que foram completamente vencidos, firmou definitivamente a supremacia de *David* na Syria. Os ultimos annos de *David* foram perturbados por discordias de familia: seu filho *Ab-salom* rebellou-se contra a sua autoridade arras-

(1) Na chronologia dos reis de Isael adoptámos as data de J. Oppert «Salomon et ses successeurs, solution d'un probleme chronologique.»

tando o povo na revolta e sendo obrigado *David* a sahir de Jerusalém. Vencidos por *Joab* e morto *Absalom* na derrota os révoltosos não e submetteram senão depois da morte de *Sibah* da tribu de Benjamim que os capitaneava.

David por influencia de *Bathsheba* mulher do seu general *Uriah*, que seduzira escolheu, para seu successor ao filho que tivera della *Salomão*, excluindo *Adonijah* seu outro filho a quem competia a corôa.

Salomão (1017-978) A elevação ao throno de *Salomão* foi assignalada pelo massacre de *Adonijah* e dos que o novo monarcha lhe julgava favoraveis entrando no numero das victimas *Joab*. Dotado de character pacífico deixou perder uma parte das conquistas de seu pai, a Idumea sublevou-se, *Rezon* rei de Zobah apoderou-se de Damasco e fundou na Syria um estado poderoso rival de Israel. *Salomão* alliou-se com o rei de Tyro *Hiram I* e com o pharaó do Egypto *Psinakhes* cuja filha desposou.

Este monarcha revellou-se habil administrador: reergueu as muralhas de Mageddo e Hazor, fortificou Guezer Bethhoron Tamar para defesa da fronteira meridional e segundo a tradição fundou Palmyra no deserto. Querendo augmentar a riqueza de seu reino tentou com o auxilio de *Hiram* e dos marinheiros phenicios fundar relações

cemmerciaes maritimas com regiões longiquas e a primeira esquadra, que para este fim, sahiu d'Aziongaber chegou até Ophir⁽¹⁾ voltando tres annos depois carregada de ouro, prata, marfim, pedras preciosas etc. Estas expedições repetiram-se durante a vida de *Salomão* e muito contribuíram para augmentar a sua fama. Porém o facto mais importante do reinado foi a edificação do templo no monte *Moriah* o qual foi inaugurado com grande pompa no duodecimo anno de seu governo.

A supremacia politica que a tribu de Judá alcançára nos reinados de *David* e de *Salomão* suscitou o ciúme das outras tribus principalmente da de Ephraim ciúme, que se manifestou abertamente depois da morte de *Salomão*.

Seu filho *Rehabeam* (Reboão) acclamado rei sem opposição em Jerusalém não foi acceito pelas tribus do centro e do norte que, reunidas em Sichem, exigiram para o reconhecer como tal que diminuísse os tributos e impostos lançados por *Salomão* e como elle recusasse acclamaram rei a *Jeroboam* da tribu de Ephraim, formando-se da monarchia hebraica dous reinos o de Israel e o de Judá.

O reino de Israel constituiu por dez tribus comprehendia a região septentrional da Palestina, a Sama-

(1) Ophir ficava, segundo a opinião mais seguida, na Índia na região de Abbira proxima da actual provincia de Guzarate.

ria a Galilea e o território a leste do Jordão a sua capital foi successivamente Sichem, Tirsah e Samaria.

O reino de Judá formado pelas tribus de Judá e Benjamin abrangia a região meridional da Palestina sendo a sua capital Jerusalem.

VIII.—REINO DE ISRAEL (978—721).—*Jero-boão* proclamado rei pelas dez tribus fixou a sua residencia em Sichem. O seu reino foi invadido por *Sheshonk* rei do Egypto e mandou edificar em Dan e Bethel templos dedicados a falsas divindades. *Nadab* seu filho foi desthronado e assassinado por *Baasha* (Baasa) que fez perecer toda a familia real e empreendeu guerra mas, sem resultado, contra o reino de Judá.

Ela seu filho foi assassinado por *Zimri* que pretendeu occupar o throno, mas o exercito proclamou a seu chefe *Omri*, suicidando-se o regicida.

Omri depois de uma luta de quatro annos contra um outro pretendente *Thibni* conseguiu firmar o seu poder. Venceu os Moabitas e alliou-se com *Ithobaal* rei de Tyro cuja filha *Izebel* desposou seu filho *Akhab*.

Akhab dominado por sua mulher introduziu em Israel o culto das divindades phenicias *Baal* e *Ashoreth* contra o qual se declararam os sectarios da religião nacional, a cuja frente estava o propheta *Elias* de Thisbe, começando graves dissen-

sões religiosas, que não impediram a *Akhab* de vencer ao rei de Damasco *Benhadad II* que sitiára Samaria; alliou-se depois com elle para repellir os Assyrios mas foi vencido com os outros alliados em Karkar. A alliança com a Syria pouco durou e rompendo novamente a guerra, *Akhab* foi morto debaixo dos muros de Ramoth.

Akhasiah (Ochosias) pouco reinou succedendo seu irmão *Jorão* que alliou-se com o rei de Judá e guerreou os Moabitas; mas foi desthronado e morto por *Jehu*, que fez perecer toda a familia de *Akhab*. *Jehu* mandou destruir os idolos conservando porém o culto do *vitello de ouro*. Foi vencido por *Khazael* rei da Syria contra o qual implorou a protecção de *Salmanassar* rei dos Assyrios de quem se reconheceu tributario.

Joakahz seu filho não conseguiu repellir os ataques dos Syrios que devastaram Israel. *Joás* seu irmão venceu em Aphek os Syrios e a *Amaziah* rei de Judá que pretendia reconstituir a monarchia de David, entrou em Jerusalem desmantelando os seus muros e apoderou-se dos thesouros do templo.

Jeroboam II continuou as conquistas de seu pai e o seu reinado foi uma época de prosperidade para Israel, *Zakhariah* seu filho foi morto por *Shallum* que apenas reinou um mez sendo assassinado por *Menakhem*.

Menakhem depois de ter punido com dema-

siada crueldade os que o não tinham querido reconhecer, ameaçado pelos Assyrios alcançou a sua protecção em troco dos seus thesouros. *Pekakhiah* (Phaceas) foi assassinado por *Pekakh* que cingiu a coroa.

Pekakh alliou-se com o rei de Damasco *Rezon II* contra *Akhaz* rei de Judá, a quem pretendiam depôr. *Akhaz* implorou o auxilio do rei da Assyria *Tiglathphalasar II* (Phul) que invadiu Israel ficando este reino reduzido sómente ao territorio de Ephraim.

Hoshea (Osias) assassino de *Pekakh* e seu successor reconheceu-se a principio vassallo da Assyria; mas pretendeu depois libertar-se desta vassallagem com o auxilio de *Shabaku* rei do Egypto. *Salmanasar* tendo conhecimento deste plano chamou á Assyria o rei de Israel que foi lançado n'uma masmorra onde pereceu. Os Assyrios invadiram em seguida Israel e sitiaram Samaria que, depois de uma tenaz resistencia que durou dois annos, cahiu nas mãos de *Sargon* successor de *Salmanasar*.

VIII.— REINO DE JUDÁ.— (978-587) *Rehabeam* (Reboam) procurou defender o seu rei dos ataques provaveis de Israel fortificando diversas cidades; mas não pôde impedir a invasão de *Sheshonk* rei do Egypto que entrou em Jerusalém e levou os thesouros do templo.

Abijam (Abias) seu filho apoderou-se de Bethel

ne reino de Israel. *Asa* seu successor ameaçado por *Baasha* rei de Judá alliou-se com o rei de Damasco *Benhadad I* que obrigou este a retirar-se de Judá fortificando *Asa* em seguida as cidades da fronteira Gibeá e Mizpah.

Josaphat continuou como seu pai fiel ao culto nacional, alliou-se com *akhab* rei de Judá cuja filha *Athaliah* desposou seu filho *Jorão*.

Venceu os Edomitas e pretendeu, mas sem resultado, renovar as expedições de Ophir. *Joram* e *Akhaziah* (Ochosias) pouco reinaram.

Athaliah apoderou-se então do poder fazendo perecer todos os descendentes de *Joram*, escapando apenas *Joas* o filho mais moço de *Akhaziah* salvo, pelo summo-sacerdote *Johiadah*. *Athaliah* apoderou-se dos thesouros do templo e estabeleceu o culto de Baal, perecendo numa revolta instigada pelo summo-sacerdote.

Joas, que subiu ao throno restabeleceu o culto do verdadeiro Deus, mas depois da morte de *Johiadah*, começou a perseguir os seus sectarios fazendo perecer o summo-sacerdote *Zakhariah* filho deste.

Amasiah venceu os Idomeus, saqueou a sua capital Selah, mas foi vencido e feito prisioneiro por *Joas* rei de Israel. *Azariah* (Osias) seu successor reconquistou a Idumea venceu os Arabes, os Ammonitas e Philisteus aos quaes impoz tributo.

Atacado pela lepra depois de um curto reinado, partilhou nos ultimos annos de sua vida o throno com seu filho *Jotham*.

Akhas que succedeu a *Jotham* depois do curto reinado deste, vendo Jerusalém sitiada pelos reis de Israel e da Syria implorou a protecção de *Teglathphalasar* do qual se reconheceu tributario.

Hizkiah (Ezechias) seu successor purificou o templo, aboliu a idolatria; mas tendo recusado pagar tributo aos assyrios *Sennacherib* veio sitiar Jerusalém, mas foi obrigado a levantar o sitio, por causa da peste que se declarou no exercito.

Manashsheh (Manasses) estabeleceu o culto das divindades phenicias e perseguiu com grande crueldade os sectarios do culto nacional; tendo tomado parte numa revolta com outros reis syrios contra o rei d'Assyria *Ashshurbanipal*, a cuja frente estava o proprio irmão deste *Samulmukin* governador da Babilonia, foi levado prisioneiro para esta cidade, recuperando depois a liberdade e o throno restabeleceu o culto nacional. (1)

Josiah (Josias) que occupou o throno depois do curto reinado de *Ammon* restabeleceu o culto nacional. Querendo, porém, impedir a passagem de *Niko* rei do Egypto, que pretendia renovar no

(1) Seguimos neste ponto a opinião de Halevy (Manassé roi de Juda et ses contemporaines en Melange de critique et d'Histoire relatifs aux peuples simitiques pg. 36 e 37) que tambem a de Scharder e não a de speró (*Histoire ancienne des peuples de l'Orient* pg. 481-4 c d.)

valle de Euphrates as conquistas dos pharaões da decima-oitava dynastia, foi derrotado e morto em Maggedo.

Joakhaz seu filho, que os hebreus haviam collocado no throno sem o consentimento do pharaó, egypcio foi deposto por este que deu a corôa a seu irmão *Eliakim* o qual reinou como principe vasallo do Egypto sob o nome de *Joiakim*.

Joiakim prestou homenagem a *Nabukudurussur* depois da victoria que este alcançara em Gargamish sobre os Egypcios; mais rebellou-se contra elle pouco depois por instigações de *Niko*. Jerusalém foi então sitiada por ordem do rei da Babilonia e o rei de Judá morreu durante o cêrco.

Joiakim seu filho foi deposto por *Nabukudurussur*, que entrando em Jerusalém reduziu ao captiveiro o exercito hebraico e transportou para Babilonia todos os operarios hebreus.

Mattaniah ultimo filho de *Josas* foi collocado no throno por *Nabukudurussur* sob o nome de *Zedekiah*; mas este apezar de dever a sua grandeza ao monarcha babilonio não tardou muito em se tornar partidario do Egypto e a tomar parte na revolta, que rebentou na Phenicia e na Syria, quando *Uahibri* occupou o throno daquelle paiz. Sitiado em Jerusalém por *Nabukudurussur* resistiu durante anno e meio cahindo nas mãos dos

inimigos, quando procurava fugir depois da entrada das tropas babilonicas na cidade.

O vencedor tratou com a maior crueldade os vencidos: *Zedekiah* foi condemnado a perder a vista depois de ter assistido ao supplicio de seus filhos e de todos os magistrados de Judá. Jerusalem foi arrazada e incendiada por *Nabusardan* General de *Nabukudurussur*.

IX.— CIVILISAÇÃO. 1.º *Organização Política e Social*.— A organização social da nação hebraica tinha por base a legislação mosaica. A legislação mosaica comprehendia além do dogma *leis politicas, leis civis e leis penaes*.

Leis politicas. A organização politica de Israel derivava da sua religião: Deus era o verdadeiro rei, os chefes, no começo electivos (juizes) e depois hereditarios não eram mais do que seus representantes, sendo o seu poder limitado pelo *grande conselho* composto dos chefes da tribu *anciões*, os quaes constituíam em cada cidade uma especie de *conselho municipal*. Além destes havia outros magistrados os *nasis*, que presidiam ao recenseamento, os *juizes*, que distribuíam a justiça, os *scribas* que conservavam as genealogias e serviam de arautos em tempo de guerra.

Leis civis. A organização civil firmava-se na constituição da familia. A autoridade paterna era consagrada pela religião mas o pai não tinha di-

reito de vida e morte sobre os filhos. O casamento era uma instituição sagrada, sendo observados certos graus de parentesco, a mulher não era dotada e o marido era obrigado a dar uma certa quantia (moher); depois de casada gosava de grande liberdade. A polygamia e o divorcio existiam com grandes restricções. O primogenito só tinha direito a metade da herança sendo a outra metade repartida pelos demais irmãos afim; de evitar a accumulção da propriedade em poucos, as vendas dos bens só eram temporarias, devendo voltar para os primitivos proprietarios ou para os seus herdeiros ao cabo de cincoenta annos *Jubileo*. Não podia tambem o Israelita alienar a sua liberdade senão temporariamente. O estrangeiro e o escravo tinham leis que os protegiam.

Leis penaes. A pena de talião era o principio da legislação penal de Israel, mas na pratica reduzia-se as mais das vezes a uma indemnisação pecuniaria. Comtudo a pena de morte era applicada sendo os juizes escolhidos entre os homens mais rectos. Os homicidas involuntarios tinham certas cidades de refugio, onde ficavam ao abrigo da vingança da familia do morto.

2.º *Sciencias, litteratura e artes.* — A sciencia e a litteratura dos Hebreus é representada pelo grande monumento nacional, a Biblia que contém livros historicos e livros poeticos; os historicos são : o *Pen-*

tateuque que contem as tradições sobre a origem do mundo e a historia dos Hebreus até á Moisés; o *Livro de Josué* ou historia da conquista de Canaan; os livros dos *Juizes*, de *Ruth* (genealogia de David) de *Samuel*, dos *Reis* e *Chronicas* que contêm a historia de Israel até á destruição dos reinos, os livros de *Esdras*, *Nehemias* e *Daniel* continuação da historia de Israel até á volta do captiveiro. Os livros poeticos mais notaveis são: os *Proverbios*, o *Ecclesiastico*, o *livro de Job* e os *Psalmos*. Na litteratura hebraica occupam lugar proeminente os prophetas escriptores e oradores inspirados, como *Jonas*, *Obdias*, *Amós*, *Isaias*, *Nahum* e *Jeremias*, que predisse e assistiu á destruição de Judá.

Artes. — A religião de Moisés prohibia representar Deus sob uma fôrma visivel, esta prohibição tolheu o desenvolvimento de alguns ramos das bellas-artes como a pintura e a esculptura que não floresceram entre este povo. Nas artes industriaes a ceramica foi muito cultivada, e nas artes recreativas a musica foi muito apreciada sendo innumerous os instrumentos destinados a acompanhar os *canticos* e os *choros*, como o *kinnoz* e o *nebel* instrumentos de corda, trombetas, flautas timbales etc.

3.º *Religião.* — A crença em um *Deus unico creador* e distincto do mundo era o dogma funda-

mental da religião de Israel. A unidade divina tinha como symbolo o templo, que devia ser um unico para toda a nação. As ceremonias religiosas estavam a cargo da tribu de Levi, que devia velar pela pureza do culto. Esta tribu dividia-se em levitas e sacerdotes, devendo o summo-sacerdote ser escolhido entre os descendentes de *Aarão*. A tribu sacerdotal não tinha territorio seu; mas tinha direito ás primicias das colheitas, a uma parte dos animaes offerecidos em sacrificio no templo e possuia quarenta e oito cidades nos territorios das outras tribus. O culto publico comprehendia: as festas solemnes da *Paschoa* (sahida do Egypto) da Pentecostes (promulgação da lei no Sinai) dos Tabernaculos (estada no deserto) e das Expições na qual o summo-sacerdote offerecia um sacrificio expiatorio pelo povo.

O culto domestico comprehendia a circumcissão, a observação de certos preceitos relativos á pureza do corpo e da alimentação, a guardar os sabbados e outras praticas.

II

PHENICIOS

I. A Phenicia.—II. Habitantes primitivos.—III. Divisões da Historia dos Phenicios.—IV. Periodo Sidonio.—V. Periodo Tyreno.—VI. Periodo de decadencia.—VII. Civilisação.

I. A PHENICIA.—A Phenicia, cuja denominação deriva do nome «terra de Keft ou das

palmeiras» dado pelos Egypcios, era chamada pelos naturaes terra de Canaan, *região baixa*, e occupava uma estreita zona de terra entre a Syria, a Palestina e o Mediterraneo. O Libano, que a separa a leste da Syria, adianta-se com algumas ramificações para o mar, formando elevados promontorios, que tornam a costa recortada por numerosos golfos e bahias. A sua maior extensão de norte a sul, não excedia de quarenta a cincoenta leguas e, de leste a oeste, não passava de quatro. Regada por numerosos rios o Eleutheros (Nahr el-Kebir), ao norte, o Adonis (Nahr el-Ibrahim), o Lykos (Nahr el-Kelb) e outros, o territorio da Phenicia era bastante fertil, produzindo a oliveira, a vinha e arvores fructiferas além dos celebres cedros do Libano, e do marmore do mesmo monte; o mar que a banhava era muito piscoso.

Numerosas cidades existiam nas suas costas, sendo as principaes: Akko (Acre), Ekdippa (Zib), Tyro (Sur), Arvad ou Aradus e Antaradus (Ruad e Tartus). Tyro e Sidon comprehendiam duas cidades; as que formavam Sidon ficavam ambas no continente e eram denominadas, Pequena e Grande Sidon; Tyro ficava numa ilha e a outra parte da cidade, de fundação mais moderna, Palaetyro estava situada na costa.

II. HABITANTES PRIMITIVOS. — Os Phenicios pertenciam ao ramo *chamita* e emigraram das mar-

gens do golfo Persico, provavelmente no 25.º seculo ant. de Ch., arrastados pela grande emigração dos povos, que produziu a invasão dos Hycsos no Egypto, e estabeleceram-se na Palestina, onde se fundiram com as tribus semitas tão intimamente, que a sua lingua e civilisação têm um caracter puramente semita. (1)

III. DIVISÃO DA HISTORIA DOS PHENICIOS. — A Historia da Phenicia pôde dividir-se em tres periodos: 1.º Periodo Sidonio (. . . 1200 ant. de Ch.); 2.º Periodo Tyreno (1200 — 701); 3.º Periodo de decadencia (701 — 332).

IV.— PERIODO SIDONIO.— No começo da historia da Phenicia, Sidon apparece á frente das cidades phenicias e exerce sobre ellas uma certa supremacia. (2) Não resistiu aos Egypcios, quando estes estabeleceram o seu dominio na Syria, e graças á paz de que gozou durante o reinado dos principes que governaram o Egypto desde *Thutmos I* até o fim da XX dynastia, dirigiu a sua actividade

(1) A origem dos Phenicios apresenta um problema ethnologico de difficil resolução. Herodoto e Strabão dão-lhes por berço o Golfo Persico e em consequencia os Phenicios são *Kushitas*; opinião que encontra apoio na arvore genealogica do Genesis e na representação de individuos phenicios nos monumentos do Egypto onde o seu typo é muito differente do semita. Contudo Tiele attendendo á grande semelhança entre as linguas dos Phenicios e dos Israelitas considera-os como semitas puros. (*Histoire comparée des anciennes religions de l'Égypte et des peuples semitiques*, pag. 264 — 271).

(2) Byblos parece ter precedido a Sidon nessa supremacia, porém, este periodo da historia da Phenicia é muito obscuro e em grande parte fabuloso. O que se pôde attribuir aos habitantes de Byblos é terem sido os primeiros a colonisar Chypre.

para as conquistas maritimas, explorando e colonizando a bacia oriental do Mediterraneo.

Os Sidonios estabeleceram-se primeiro em Chypre e dahi passaram a Rhodes, ás Sporades e Cyclades. Fundaram numerosas feitorias nas costas da Asia-Menor, na Cilicia, Pamphylia e Licia; na Thracia começaram a explorar as minas de ouro do monte Pangeos e penetrando no Ponto Euxino fundaram nas suas costas estabelecimentos destinados á exploração das minas de prata da Bithynia, commercio de trigo e peixe salgado da Scythia meridional, ouro, prata e estanho da Colchida.

Ao occidente, das ilhas da Grecia, em cujos mares era abundante o marisco, (*murex brandaris*), de que extrahiam a purpura, passaram ao continente, onde a tradição grega da fundação de Thebas pelo phenicio Cadmo attesta a existencia de colonias phenicias desde remotas eras.

Além da Grecia, a Sicilia e Malta receberam colonias phenicias e na costa septentrional da Africa fundaram tambem algumas feitorias, Vassallos do Egypto, os Sidonios obtiveram dos Pharaós o privilegio de fundar estabelecimentos neste paiz, onde commerciavam sob a vigilancia das autoridades egypcias.

O commercio maritimo era completado pelo commercio por terra; transportavam para Sidon os perfumes da Arabia, as especiarias, o marfim e

as pedrarias da India, os artefactos da Chaldea e da Assyria, que eram levados pelos navios phenicios ás suas colonias mais longiquas. Para defender as vias commerciaes, por onde passavam estes productos, os Sidonios fundaram na passagem dos rios e nos desfiladeiros diversas povoações fortificadas : Thapsa no váo do Euphrates, Hamath no valle do Oronte.

A fortuna de Sidon começou a declinar quando os Gregos, tornando-se habéis marinheiros, lhe disputaram o imperio dos mares do archipelago ; mas o ultimo golpe foi lhe dado pelos Philisteus que, nos fins do duodecimo seculo ant. de Ch., depois de haverem derrotado uma esquadra de Sidon, apoderaram-se desta cidade ; refugiando-se os habitantes que escaparam á catastrophe em Tyro.

V. PERIODO TYRENO. — Tyro, que succedera a Sidon na hegemonia da Phenicia, era a principio governada por dois suffetas, governo, que foi depois substituido pela realza, sendo *Abibaal* o seu primeiro rei. *Hiram I* seu filho alliou-se com *David* e *Salomão* e sob o seu governo Tyro chegou a um estado de grande prosperidade. A dynastia de *Hiram* extinguiu-se com *Phêles* assassinado por *Ethbaal* sacerdote da deusa *Astartê* que se apoderou do throno. *Ethbaal* teve um reinado glorioso, o casamento de *Izebel* sua filha com o rei de Israel

fez prevalecer por algum tempo a influencia phenicia neste reino e obrigou Sidon a reconhecer a supremacia tyrena.

Pygmalião seu neto que cingira a corôa, sob a regencia de seu tio *Sichar-baal*, mandou-o depois assassinar, e a viuva deste, *Elissar* irmã de *Pygmalião*, com numerosos nobres descontentes do novo governo, abandonou Tyro e foi fundar na Africa, no lugar onde os Sidonios tinham edificado a cidade de Kambé, uma nova cidade *Qart-Khadsh* (cidade nova) a *Karkhedon* dos Gregos e a *Carthago* dos Romanos.

A emigração de uma parte da nobreza para a nova cidade, o desenvolvimento desta e principalmente a apparição dos Assyrios na Syria, neste reinado, começaram a promover a decadencia de Tyro e da Phenicia que nunca mais recuperou a sua antiga prosperidade.

Tyro, nos seus tempos prosperos, continuou a exploração do Mediterraneo e a colonização das suas costas; repellidos da bacia oriental deste mar pelos Gregos, já marinheiros adestrados, foi a bacia occidental deste mar, onde já os tinham precedido os Sidonios, que os mercadores tyrenos exploraram e colonisaram. Na Sicilia, em Malta e na Sardenha fundaram numerosas colonias e na Hespanha, além de outras, Malacca (Malaga) e Gades (Cadix); passando o estreito chegaram ao

norte, até ás ilhas Cassiterides (ilhas do estanho) (1) e á Bretanha, e ao sul adiantaram-se até as ilhas Canarias e Cabo-Verde.

VI. PERIODO DE DECADENCIA.—Em 870 *Ashshurnazirpal* impôz tributo a Tyro, a Sidon, a Gebel e Arad. Tyro submetteu-se a principio mas depois revoltou-se e no reinado de *Eluli*, *Salmanasar* invadiu a Phenicia: Sidon Acre e Palae-tyro submetteram-se ao invasor; porém Tyro resistiu a todos os esforços deste monarcha e do seu successor *Sargon*; *Sennacherib* conseguiu finalmente vencer esta tenaz resistencia e substituiu no throno a *Eluli* por *Ithobaal I*, como principe vassallo.

Sidon, que passara a occupar o primeiro lugar entre as cidades da Phenicia, pouco tempo exerceu esta supremacia; tendo-se revoltado contra os Assyrios *Asarhaddon* arrasou-lhe os muros. Tyro que novamente começou a exercer certa supremacia perdeu-a pouco depois pela revolta do seu rei *Baal* contra *Ashshurbanipal*. No reinado de seu successor *Ithobaal III*, *Nabuchodonosor* sitiou Tyro em vão, durante treze annos, ao cabo dos quaes resolveu-se a tratar com o rei tyreno. A conquista de Chypre por *Ahmos II* levou os Phenicios a reconhecerem a supremacia do Egypto e quando os Persas se tornaram senhores do Oriente os Phe-

(1) As ilhas Sorlengas ao S. O. da Bretanha.

nicios reconheceram-se como vassallos, vassallos privilegiados, pois a sua aptidão como marinheiros tornava-os valiosos auxiliares daquelles de quem reconheciam a supremacia.

O dominio dos Persas apenas foi perturbado por uma revolta no tempo de *Artaxerxes Okhos* na qual foi destruida Sidon.

Alexandre Magno, vencedor dos Persas já em duas batalhas, não encontrou resistencia na Phenicia, apenas Tyro lhe resistiu durante nove mezes e entregando-se finalmente foi poupada pelo vencedor.

VII.— CIVILISAÇÃO.— 1.º *Organisação politica e social*.— A Phenicia nunca constituiu um só estado, as cidades tinham os seus governos independentes, somente Sidon e Tyro, quando attingiram grande prosperidade exerceram uma especie de hegemonia, sobre uma parte do paiz.

O governo de cada cidade era monarchico ; mas este poder era limitado por uma *oligarchia* formada pelas familias ricas. Mais tarde o rei foi substituido por dois magistrados, os *suffetas*, que exerciam este cargo durante um anno ou mais, podendo mesmo serem vitalicios. Um senado composto de trinta membros escolhidos entre as familias nobres, e um outro corpo de trescentos membros completavam a administração politica. As funcções

sacerdotaes competiam ao rei e aos nobres; não havia castas nem classes.

2°. *Sciencias Litteratura e Artes.*— Aos Phenicios se deve a invenção do *Alphabeto* e a sua propagação entre os povos, com os quaes estavam em relações. Povo commerciante, a necessidade de simplificar a sua escripturação levou-os a adoptarem vinte e dois caracteres da escripta *hieratica* do Egypto e a empregarem-nos exclusivamente como caracteres phoneticos. (1)

Nas sciencias, os conhecimentos astronomicos e mathematicos, que eram uma necessidade para um povo navegador, os Phenicios tendo por mestres os Chaldeos tornaram-se peritos nesta sciencia. A medicina tambem foi cultivada no tempo da XVIII dynastia um medico de Gebal passava pelo primeiro oculista da época. Da *litteratura* dos Phenicios apenas se conhecem alguns fragmentos conservados pelos escriptores antigos : de *Mokhos* que escreveu uma historia dos Phenicios, de *Sankhôniathôn* autor problematico de uma cosmogonia, de *Hyktikratês* cujas obras diziam ter sido traduzidas em grego. Nas colonias tambem florescia a litteratura : em Carthago, *Mago* escreveu um tratado de agricultura

(1) Os chananeus não tiraram só do Egypto o principio do alphabetismo, mas as figuras e valores das letras. A sua invenção constituiu o ultimo progresso do systema graphico nascido nas margens do Nilo, tirando deste systema os elementos de um verdadeiro alphabeto e banindo tudo quanto não era phonetico (Lenormant *Alphabet Dictionnaire des antiquités grecques et romaines de Daremberg et Saglio*, tom. I. pag. 194.

que foi traduzido em grego e latim, e *Hannon* uma narração da sua viagem ao longo das costas occidentaes da Africa. As Artes na Phenicia resentem-se da influencia dos povos, com os quaes viveu em contacto : a architectura phenicia reune os caracteres da architectura babilonica, egypcia e assyria ; porém, nas artes industriaes, tornaram-se notaveis : a fabricação da purpura, a construcção de navios são artes puramente phenicias, mas além destas industrias apropriaram-se de outras como a do vidro, cuja fabricação aprenderam com os egypcios. (1)

3.º *Religião.* — A religião da Phenicia tinha grande semelhança com as religiões da Chaldea e da Assyria.

O primeiro lugar no pantheon pertencia ao *Deus-Sol* invocado ora como deus benefico dispensador da luz e da vida, ora como causador, com os seus raios, da secca e da desolação. O seu titulo era *Baal* (senhor), como deus benefico *Baal-Samen* e como divindade malfazeja *Baal Moloch*; estes dous attributos achavam-se reunidos em *Baal-Melkarth*. Ao lado destas divindades eram adoradas outras consideradas como femininas. O seu titulo geral era *Baalath* (senhora), ou *Ashtoreth*. Cada cidade tinha o seu *baal* protector ; em Tyro *Baal-*

(1) O specimen mais antigo do vidro no Egypto remonta á undecima dynastia.

Tsur, em Sidon *Baal-Sidon*. Os montes, os rios, estavam também sob a protecção dos *Baalim*.

Além do culto dos *Baalim* e das *Ashtaroth*, os Phenicios adoravam os oito *Kabirs* personificações cosmicas e sideraes dos sete planetas e do mundo formado pelo seu conjuncto: *Eshmun* (o oitavo), que personificava esse conjuncto era uma das maiores divindades da Phenicia. Os *Kabirs* eram considerados como os authores da civilisação, inventores da construcção de navios, da medicina e *Eshmun*, cujo distinctivo era uma serpente ⁽¹⁾ foi identificado pelos gregos com *Asklepios*.

O culto phenicio era voluptuoso e ao mesmo tempo sanguinario; a algumas divindades eram offerecidos sacrificios humanos, por meio do fogo, e em certas occasiões solemnes era exigido o sacrificio dos primogenitos.

(1) A serpente é um attributo, que, na symbolica da Asia, pertence a todas as divindades sideraes e planetares, exprime a noção da marcha tortuosa e orbicular dos planetas (Lenormant Cabiri, *Dictionnaire des Antiquités grecques e romaines de Daremberg et Saglio*, tom. I. pg. 773.)

CIVILISAÇÕES ARYAS

I

OS HINDO-IRANIANOS

I. O paiz dos Hindo-Iranianos. — II Civilisação. — III Religião.

I. — O PAIZ DOS HINDO-IRANIANOS. — Depois da separação das tribus aryas, que emigraram para a Europa, aquellas, de que deviam descender os invasores da India, da Media e da Persia, conservaram-se por alguns seculos reunidas.

O paiz, que habitavam, estendia-se das margens do Syr-Daria para o sul comprehendendo: Bokharâ, o Afghanistan, uma parte do Beludjistan, indo até ás fronteiras do Pendjab. (1)

(1) E' o Sapta-Sindhavas do Rig-Veda (designando uma região) e o Hapta-Hindavo do Avesta (Wilhelm Geiger *La civilisation des Aryas* pg. 437 in *Museon* tomo III 1884).

O Aryana-Vaêja do Avesta pôde ser quando muito a patria primitiva dos Iranianos depois da sua separação dos outros povos indo-europeus, ou sómente dos Hindús; mas não é o berço da raça Arya e no mesmo caso está o Aryâ-varâ dos authores sanscritos. (D'Harlez *Les Aryas et leur première patrie* pg. 3.)

O Aryâ-varâ entre os Indios é o nome da terra santa onde foi promulgada a lei de Brahmâ o Aryana-Vaêja entre os Iranianos é o solo puro

II. CIVILISAÇÃO. — As tribus Hindo-Iranianas intitulavam-se Aryas, (veneráveis) (1) e a sua organização social ainda rudimentar constituia uma sociedade patriarchal.

A authoridade era exercida pelos chefes das tribus e pelos pais de familia; dividiam-se em classes; as castas ainda não existiam, a polygamia era permittida; mas em geral os Aryas eram monogamos. A riqueza principal consistia em rebanhos; mas não ignoravam a agricultura, cultivavam o trigo e o linho, conheciam algumas arvores, como o salgueiro, o pinheiro e da haste de uma planta o *soma* extrahiam um liquido que misturado com o leite produzia uma bebida embriagante. Tinham domesticado o cavallo, a vacca, a cabra e o cão; mas só depois da sua separação é que reduziram ao estado domestico o camello e o jumento, e começaram a crear as aves domesticas (gallo e galinha). Ao lado destes animaes domesticos viviam o lobo, o urso, o javalí, o tigre e o leão com os quaes tinham de lutar. Trabalhavam os metaes: o

onde Zoroastro revelou a lei de Ormuzd (C. Schoebel *Recherches sur la religion première de la race Indo-Iranienne* pag 19.)

A hypothese de Pietrement (*Les Aryas et leur première patrie, Paris 1879*) collocando o Aryana-Vaêja no districto de Alatau no 49º grau ao oeste do mar de Balkash na ponta sudoeste da Siberia, apenas tem por base a interpretação erronea de alguns mythos e nenhum valor scientifico apresenta.

(1) A significação primitiva de ari arya nos textos vedicos é a de pai chefe de familia, a importancia de que gosava e o respeito que merecia o pai de familia na sociedade primitiva foi a causa que fez com que todos os membros desta familia ethnica adoptassem esta denominação (C. Schoebel, *Recherches sur la religion première de race Indo-Iranienne*, pag. 10).

ouro e o cobre ainda grosseiramente (1); a maioria das armas e utensilios era de madeira ou de pedra. Alimentavam-se com a carne dos animaes, exceptuando a carne da vacca, eram apaixonados pelo jogo e abusavam das bebidas fermentadas. (2)

III. RELIGIÃO.—A religião primitiva dos Híndo-Iranianos era a adoração das forças da natureza consideradas como manifestações de uma divindade ou de diversos deuses rivaes, que combatiam para estabelecer a sua supremacia sobre os outros. Essas forças, personificadas primeiro por uma imagem poetica, adquiriram depois attributos, fórmias e individualidades proprias, sendo consideradas como divindades distinctas, julgadas beneficas ou maleficas conforme se manifestava a força natural (sol, chuva, trovoadas etc.), que lhes dera origem, na região onde lhes tributavam culto.

As primeiras forças naturaes divinizadas parecem ter sido as que se manifestam no céu e na atmospheria: *Varuna* (Ahura Mazda do Avesta) o deus-céu, *Mithra* o deus do dia, *Indra* o deus-trovão, (*Verethraghna* do Avesta). (3)

Vayu, o deus do vento, *Agni* (4) (o Nairyô-

(1) Monier Williams *Hinduism*.

(2) Os Híndo-Iranianos estavam no periodo de transição entre a idade da pedra e a dos metaes. (W. Geiger, *La Civilisation des Aryas* pag. 638 in *Maseon* tomo III.)

(3) Indra como conquistador da luz é nos vedas adorado sob o nome de *Indra-Vritrahan*, (Darmesteter, *The Zend Avesta* tomo I pag. 64).

(4) Agni como intermediario entre os deuses e os homens é denominado no veda *Narâ-sansa*, (Darmesteter, *The Zend Avesta*, tomo I pag. 70).

sangha do Avesta), os *Yātus* ou demonios multi-formes etc.

O culto consistia, principalmente, em sacrificios offerecidos á divindade acompanhados de hymnos; o celebrante era o pai de familia, e de todas as offertas a mais agradavel aos deuses era o *Soma* (o Hoama do Avesta).

Depois de terem vivido reunidos, em época, que não se pôde determinar e por causas desconhecidas ⁽¹⁾, as tribus Hindo-Iranianas separaram-se e, emquanto uma parte povoava o Iran, outras tribus, transpondo os desfiladeiros do Hindo-Kusch, penetraram na India.

II

HINDUS

I. A India.— II. Habitantes primitivos.— III. Divisões da historia da India.— IV. Periodo Vedico.— V. Periodo Brahmanico.— VI. Periodo Buddhico.— VII. Civilisação.

I. — A INDIA.— A India é ⁽²⁾ uma vasta peninsula, que se estende ao sul do monte Himalaya, banhada pelo oceano Indico ao oriente e

(1) Em geral attribue-se a uma revolução religiosa.

(2) O nome classico da India usado na litteratura Sanscrita e adoptado pelos aryanos é *Bhārata* ou *Bhārata-varsha* (algumas vezes *Bhārata-Khanda* ou *Kumarikā-kanda*) o paiz de *Bhārata* rei que parece ter governado, em remotas éras uma vasta região da India. No codigo de *Manu* a denominação de região central entre o Himalaya e os montes *Vindhya* é *Aryāvarta* morada dos *Aryas* (*Monier Williams Hinduism*)

occidente. Divide-se em duas regiões : a região continental e a região peninsular.

A região continental comprehende as vastas planícies, que começam nas fraldas do Himalaya e abrange as bacias do Indo e do Ganges.

A região peninsular apresenta a fôrma de um triangulo, constituindo um planalto limitado pelos montes Vindhya, ao norte, e pelos montes Ghattes, a leste e oeste. Menos fertil do que a India propria é regada com tudo por alguns rios importantes o Mahanadi, o Krishna, o Narmada, etc.

As cidades mais notaveis da India antiga eram : Kanyakuleja (Kanôy) Mathura (Matha) Pataliputra (Patna) Indraprastha (Indapat.)

II.— HABITANTES PRIMITIVOS.— Os habitantes primitivos da India pertenciam a uma raça *negroide* e foram subjugados por tribus Scythas e Mongoes vindas da Asia central, dos steppes da Tartaria e do Thibet.

Estas hordas em immigrações successivas occuparam todo o paiz.

As principaes tribus indigenas e scythas eram : os Dasyus, os Anaryas, os Nishadas e os Dravidios.

Os ultimos immigrantes foram os Aryas, que

pag. 1-2). A denominação *India* deriva do nome *Sindhus* dado pelos Aryas ao rio Indo pronunciado pelos Irmanos Hindu de que os gregos fizeram Indos India (Kiepert *Manual of Ancient geography pag. 22*).

separando-se dos Iranianos, occuparam primeiro as planicies do Ganges e estendendo-se pela região denominada Aryavarta, occuparam toda a India central ; repellindo para o sul e para a região montanhosa os habitantes primitivos.

III.—DIVISÃO DA HISTORIA DA INDIA.— A historia de India divide-se em tres periodos caracterizados pelas tres phases que se deram na sua evolução religiosa ; pois a India antiga não tem propriamente historia politica. Esses periodos são : 1.º Periodo Vedico ; 2.º Periodo Brahamanico ; 3.º Periodo Buddhico.

IV.— PERIODO VEDICO.— A região do Sapta-Sindhu, habitada pelos Aryas na época vedica, começava na Indo superior, na bacia do rio Kabul, e estendia-se até o lugar onde o Yamunã sae da região montanhosa (1) do Himalaya.

As crenças, os costumes, dos Aryas do Sapta-Sindhu, foram conservados nos Vedas (2) que apresentam um quadro da sua civilização nessa época.

(1) O Sapta-Sindhu (paiz dos setes rios) denominação dada pelos Vedas á região banhada pelo Sindh, o Vitaslhá, o Djelam, o Assikni ou Tchenab, o Marudoridha ou Ravi (rio de Labor) o Vipâçá (Beiah) o Cutudri (Stledj) e Sarasvati (Saruti) — (V. de Saint-Martin *Etude sur la géographie et les populations primitives du Nord Ouest de l'Inde* pag. 59—61)

(2) Os Vedas (sciencia divina) é o livro sagrado dos Aryas e foi composto por diferentes poetas entre 1500 e 1000 annos antes de Christo. Os Vedas são quatro, o *Ric-Veda*, collecção de hymnos, o mais antigo e importante, o *Yaguz-Veda* o formulario de preces, o *Sama-Veda* ritual das cerimoniaes sagradas, o *Aitharva-Veda* o mais moderno ; contendo alguns hymnos, repetição dos do Ric-Veda e exorcismos contra os espiritos e animaes maleficos.

A Sociedade Vedica. — A organização social dos Aryas pouco differe da dos Hindo-Iranianos. Povo pastor e lavrador, as famílias viviam a principio separadas no territorio, que haviam julgado mais proprio para as suas occupações, e subordinadas á authoridade paterna, que era absoluta.

A morte do chefe de familia não importava a dissolução desta, que continuava reunida em torno do filho mais velho, ao qual competia, depois da morte do pai, a celebração do culto dos antepassados (Pitris); a monogamia era quasi geral entre os Aryas.

Da reunião das differentes famílias, que se realizou com o correr do tempo, nasceram as povoações sob a authoridade de um chefe auxiliado pelo conselho composto dos pais de familia; a necessidade de proteger os interesses communs levou as communidades, habitando o mesmo territorio, a unirem-se formando tribus. As tribus mais notaveis da época vedica eram: a dos *Bharatas*, dos *Pauravas* e dos *Ikchvâkus* governados por um chefe denominado rajá. (1)

(1) As tribus aryas podem dividir-se em duas classes; as tribus propriamente ditas formando a maioria da nação (Vaïcya) compostas de individuos a um tempo pastores, agricultores e guerreiros; as famílias descendentes dos antigos sabios (os Richis) nas quaes se tinham perpetuado hereditariamente as funcções sagradas de sacrificador e principalmente as de poeta religioso (bharata). Estas famílias quando as funcções de sacrificador deixaram de pertencer exclusivamente ao chefe de familia e tornaram-se seu privilegio ainda que não constituissem uma casta formaram uma classe particular á dos Brahmanes homens dedicados á oração (brahma). Destas famílias a mais importante era a *Bhrigu* (V. de S. Martin. *Etude sur la Géographie et les populations du Nord-Ouest de l'Inde* pg. 146—150.)

Nestas tribus não tardou que se formassem diferentes classes; a necessidade de combater quasi continuamente as tribus indigenas, das quaes parece terem sido as mais temiveis aquellas que pertenciam á nação *Dasyú*, deu origem á classe guerreira a dos *kchatriyas*, e a classe sacerdotal do *brahmanes* foi formada por familias que haviam conservado as antigas tradições e, por isso, designadas como as mais proprias para o serviço do culto.

Estas classes na época vedica não tinham ainda o exclusivismo, que mais tarde as caracterizou.

Religião vedica.—A religião do periodo vedico era a adoração dos phenomenos naturaes personificados (1). As principaes personificações mythologicas representando os elementos e phenomenos naturaes, a que os Aryas tributavam culto, eram: *Agni* o fogo; *Indra* a atmospheria; *Sûrya* o sol; *Varuna* o céu; *Ushas* a aurora; os dois *Aswins* percursores da Aurora; *Rudra* o deus do trovão e da tempestade; os *Maruts* ventos, *Soma* a personificação do sumo fermentado da planta deste nome e *Yama* o deus dos mortos.

O sacrificio offerecido a estas divindades era para o Arya como que a reproducção dos pheno-

(1) Estes phenomenos podem reduzir-se a duas classes: os que acompanham o levantar do sol ou phenomenos solares; e os que acompanham a chuva depois de uma secca demorada ou phenomenos meteorologicos. (A. Bergaigne: *La Religion Vedique d'après les Hymnes do Rig-Veda tom. I pg. 19.*)

menos celestes e pareciam actuar directamente sobre estes. Os elementos que serviam para o sacrificio eram considerados como de origem celeste, o fogo, o *soma* sendo celebrado primeiro pelo chefe de familia e depois pelo Brahamane.

Cada familia tinha o culto domestico dos antepassados (pitris) e devia conservar continuamente acceso o fogo sagrado no lar.

Os Aryas acreditavam na existencia de uma outra vida e o sol era uma das moradas dos mortos.

V.— PERIODO BRAHMANICO.— O desenvolvimento da população obrigou os Aryas a continuarem a emigração para o sul até ás margens do Ganges, onde tiveram que combater as diferentes tribus indigenas e principalmente a dos Kocalas, que oppoz energica resistencia. Depois de uma luta demorada, na qual se distinguuiu a tribu dos Bhâratas, os Aryas conseguiram occupar a região entre as bacias do Indo e do Ganges, região que se tornou o territorio arya por excellencia Aryavarta (paiz dos Aryas.)

Sociedade Brahmanica. O estabelecimento dos Aryas no territorio banhado pelo Ganges coincide com uma profunda transformação social e religiosa. As antigas tribus constituiram estados poderosos governados por monarchas considerados como divindades; mas cuja vida particular e politica era

regulada por um código inalterável. Competia-lhes o commando do exercito e a distribuição da justiça, com a assistencia dos Brahmanes. Estes estados tinham por capital-uma cidade fortificada, residencia do rei, e dividiam-se em circumscripções administrativas, comprehendendo um certo numero de povoações, a cuja frente estava um governador civil e um chefe militar commandante das tropas. Cada povoação era administrada por um governador nomeado pelo rei, assistido pelo conselho dos chefes de familia. Todas as classes pagavam impostos, excepto a dos Brahmanes.

As classes mal definidas dos tempos vedicos transformaram-se nas quatro castas: *Brahmanes*, *Kshatrijas*, *Vaísias*, e *Sudras* pertencendo a supremacia á casta dos *Brahmanes* (sacerdotes,) seguindo-se a dos *Kshatryias* (guerreiros,) *Vaísias* (lavradores) *Sudras* (servos), somente as tres primeiras castas eram consideradas puras. (1) Abaixo das castas existia a população vencida sem direitos civis ou religiosos (*parias*).

A organização da sociedade brahmanica baseava-se no código attribuido a Manu (2) no qual

(1) Os Brahmanes, os Kshatryas e os Vaisyas que constituíam as tres classes superiores tinham segundo a doutrina brahmanica nascido da bocca dos braços, das cõxas e dos pés de Brahma.

(2) O código de Manu (Manu Sanhita) foi provavelmente composto 600 annos antes de Christo. Na sua origem diziam que continha 100,000 versos divididos em 24 capitulos, hoje existem somente 2685

se determinavam os deveres e direitos de cada casta.

Religião Brahmanica. A religião brahmanica pouco differia da religião da idade vedica. *Brahma* a alma do universo, que com o nome de *Brahmaspati* (o deus da criação) já era adorado nos tempos vedicos assumiu o primeiro logar no pantheon ; os outros deuses conservaram a sua dignidade ainda que modificados, em parte, nos seus caracteres.

Varuna transformou-se em deus hostil e cruel, *Soma* confundiu-se com a lua e algumas novas divindades tomaram logar no pantheon, as *Naxatras* constellações, os *Chandas* ou metros vedicos.

A doutrina da existencia de uma outra vida soffreu igualmente modificações ; o homem justo tem por morada de além tumulo o *svarga* o ceu de *Indra* e dos outros deuses, o criminoso é condemnado ou ao inferno onde soffre innumeras penas, ou renasce sob uma fórma miseravel e as faltas commettidas em sua vida, são punidas com existencias successivas, formando todos os seres uma cadeia continua, que a alma humana póde percorrer (metempsychose).

As ceremonias do culto adquiriram immensa importancia, e cada sacrificio comprehendeu um cyclo de praticas excessivamente complicadas.

Os sacerdotes, os Brahmanes eram obrigados a numerosas praticas religiosas e a sua vida comprehendia quatro estados : estudante, chefe de familia, anachoreta e monge.

VI.— PERIODO BUDDHICO.— A nova religião, o Buddhismo, que devia modificar, de certo modo a organização social brahmanica, nasceu do nordeste da India, no logar denominado Kapila-Vastu situado ás margens do Rohini (Kohana), pequeno affluente do Gogra, e a duzentos kilometros ao norte de Benares, onde habitava a tribu dos Sakyãs.

O *Buddha* pertencia á familia dos Gautamas que reinava sobre esta tribu.

Aos vinte e nove annos abandonou a sua familia mulher e um filho recém-nascido e fez-se brâhmane (sannyasin), (1) ao cabo de sete annos de meditação julgou conhecer a verdade e tomando o titulo de *Buddha* (2) começou a pregar a sua doutrina até á idade de oitenta annos em que morreu. (3).

O *Buddhismo*. A religião de Buddha regeita todo o elemento theologico ; não affirma nem nega a existencia das divindades, o seu fim é pôr

(1) Sannyasin o quarto e ultimo grão da vida religiosa do Brahmane.

(2) O nome de Buddha era *Gautama* ; mas como para o Buddhista parecia falta de respeito dar-lhe esta denominação dava-lhe outras além da de *Buddha* (inspirado), a mais geral, como : *Sakya-sinha*, (o leão da tribu dos Sakyas) *Sakya-muni* (Sakya o sabio) e muitas outras. (Rhys Davids *Buddhism* pag. 28.)

(3) A data da morte de Buddha foi ultimamente fixada por tres inscrições do imperador Açoka e deu-se entre 482 e 472 ant. de Ch. (Barth *Les religions de l'Inde*. pag. 65.)

termo aos soffrimentos do homem ensinando-lhe o caminho da salvação.

A vida humana é para o Buddhismo, um continuo padecer, a causa são as paixões que augmentam com a propria satisfação e a doutrina do Buddha tem por fito ensinar ao homem como pode destruir essa causa, que é pelo conhecimento e observação da “*boa lei*” a pratica da disciplina e da moral buddhista. Por este meio depois de ter passado por quatro estados, dos quaes o ultimo é o extasi, o buddhista alcança o *nirvana*, isto é o aniquilamento total da existencia. Pregada pelo Buddha, esta doutrina que encerrava em si a abolição das castas, e destruía o dogma desconsolador do Brahmanismo, a metempsychose, adquiriu numerosos adeptos.

Depois da morte do Buddha reuniu-se um concilio perto de Rájágríha composto de quinhentos membros, no qual dividiram as lições do *Mestre* em tres partes: *Theravāda* ou doutrina dos antigos; *Upali*, regras da disciplina da Ordem; *Ānanda*, preceitos mais geraes applicados aos membros da Ordem, e aos leigos, collecções que constituem a *Tri-pitaka* ou livro das tres Cestas.

Um segundo concilio reuniu-se em Vaisali cem annos depois do primeiro, e condemnou a doutrina das chamadas dez indulgencias, o que deu origem á divisão dos Buddhistas em duas seitas adversas.

Dois seculos e meio depois da morte de Buddha o Buddhismo era a religião official de Açoka poderoso monarcha cujos dominios se estendiam do valle de Kabul á foz do Ganges e do Himalaya até ao sul dos montes Vindhya. Sustentava, dizem, 64,000 religiosos ; fundára numerosos conventos e os seus missionarios já tinham chegado até Ceylão : foi este o periodo mais prospero do Buddhismo que depois de alguns seculos não podendo manter-se na India erradiou fóra deste paiz ; contando hoje numerosissimos sectarios.

VII.— CIVILISAÇÃO.— 1º *Organisação politica e social.* Os Estados que se formaram na India constituiram monarchias hereditarias sendo o poder do principe que pertencia á casta dos guerreiros, limitado pela autoridade da casta sacerdotal dos Brahmanes.

O povo dividia-se nas quatro castas : Brahmanes, Kchakryas, Vaïsyas e Sudras.

A parte da população, que não se havia submettido, constituia differentes castas sem direitos e despresadas ; a ultima era a dos Parias. A familia e a communitade conservavam a sua antiga constituição vedica.

2º *Sciencias, Litteratura e Artes.* A sciencia que precedeu as outras na India foi : a da linguagem ; o celebre grammatico *Panini* (XI ant. de

Ch.) foi o legislador da lingua *sanskrita*, (1) e resumiu as doutrinas dos seus antecessores. As sciencias propriamente ditas tambem foram cultivadas na India, recebendo, porém, da Grecia os primeiros elementos da astronomia e das mathematicas.

A medicina tornou-se uma sciencia adiantada contando alguns escriptores notaveis como *Agni-vesa*. A philosophia teve um grande desenvolvimento e não se contam menos de seis escolas principaes.

A *Litteratura* religiosa era riquissima sendo o seu ornamento mais notavel «Os Vedas». Na epopea a India produziu o *Mahā-Bhārata* poema da grande guerra dos Bhāratas, talvez o poema epico mais extenso que exista, dividido em dezoito livros ou *parvas* com perto de 220000 versos; o *Rāmāyana*, aventuras de Rama attribuindo a *Valmiki* e composto 500 annos ant. de Ch.; divide-se em sete cantos ou *kandas* com 50000 versos.

O genero dramatico conta numerosas producções as mais conhecidas são o drama *Sakunhalā* de *Kali-Dasa* que viveu talvez 50 annos ant. de Ch. e o Carro de ouro do rei *Sudraka*.

(1) O *sanskrito* tornou-se lingua morta, ha uns duzentos annos; mas já o *Buddha* (500 annos ant. de Ch.) recommendava aos seus que pregassem nos dialectos do povo; o rei *Açoka* afim de que os seus decretos fossem comprehendidos mandou-os gravar nos differentes dialectos de seus vastos dominios; podendo pois presumir-se que o *sanskrito* deixou no terceiro seculo antes de Christo, ou talvez antes, de ser a lingua popular.

Os dialectos fallados pelo povo differiam do *sanskrito* como o Italiano differe do Latim. (Max Muller *India What Can it Teach us?* pag. 77-78.)

As fabulas e o apologo foram cultivadas desde as mais remotas éras.

Artes. A architectura só se revella em monumentos notaveis, depois do apparecimento do Buddhismo : é desta época, que datam as construcções mais grandiosas da India antiga, os tumulos de seus santos, os templos entre os de Ellora é talvez o mais admiravel.

A esculptura tornou-se notavel pelas fórmas extravagantes das suas estatuas e a pintura nunca produziu nenhuma obra notavel.

A musica tinha muitos cultores e abrilhantava as cerimoniaes religiosas.

III

MEDAS E PERSAS

I. A Media e a Persia.— II. Habitantes primitivos.— III. Divisões da historia da Media e da Persia.— IV. Historia da Media até Kyros.— V. A Persia até ao reinado de Dario I.— VI. A Persia até á morte de Dario III.— VII. Civilisação.

I.— A MEDIA E A PERSIA.— A Media tinha por limites : ao norte o Mar Caspio, o Kur e o Araxes ; ao oeste a Armenia e a Assyria ; ao sul a Susiania e a Persia ; ao este a Parthia e a Hyrcania.

Dividia-se desde remotas éras em duas regiões :

aquella a que os Gregos deram o nome de Magna Media e a Media Atropatêne. (1)

A Media Atropatêne, paiz montanhoso ficava ao norte entre a Armenia e o Caspio, e comprehendia a fertil bacia do lago Urumiyeh do Kapanta (lago azul dos antigos) e o valle do Araxes.

A Magna Media estendia-se, ao occidente, até aos desfiladeiros do Caspio, ao sul do monte Demavend, acompanhando o Elburz.

A Hyrcania separava do Caspio, a léste limitava-se com a Assyria e ao oeste com o grande deserto salgado. Menos fertil dó que a Media Atropatêne era com tudo mais povoada e a ella se applicava a denominação de paiz dos Medas Mat Madai, das inscripções assyrias.

As cidades principaes da Media eram: Raghâ (Rhagae) antiga capital, Hagmatana (Ecbatana) nas faldas do monte Orontes, Bagastâna (Behistun).

A Persia tinha como limites: ao norte a Media; a léste a Mycia; ao sul o golfo Persico e a oeste a Susiania.

Dividia-se em duas regiões, uma arenosa e pouco fertil, mal regada e proxima ao mar; outra ao norte, fertil e elevada. O rio mais celebre da Persia era o Araxes com o seu affluente o Kur.

(1) Denominação dada no tempo de Alexandre, depois que o satrapa Atropates chefe do contingente meda na batalha de Arbelles procurou tornar-se independente na Media-superior. (G. Rawlinson Herodotus, vol. 1., pag. 595, not. 7.)

As antigas cidades eram: Pasargadae, Presepolis, havendo além dessas poucas cidades importantes, Carman capital da Carmania⁽¹⁾ Arnuria nas costas do golfo Persicoetes.

II.— HABITANTES PRIMITIVOS.— Os Medas e os Persas pertenciam á raça indo-europea.

Depois da separação do ramo que povoou a India algumas tribus permaneceram na Bactriana, Sogdiana, Margiana, enquanto que outras devido ao augmento da população, invadiam a Persia e a Media onde venciam e assimilavam-se rapidamente a população indigena.

III.— DIVISÕES DA HISTORIA DOS MEDO-PERSAS.— A historia dos Medo-Persas póde dividir-se em tres grandes periodos: 1.º Historia da Media até á sua annexação á Persia (… 549); (2) 2.º Persia, periodo de engrandecimento da queda de Astyages até ás guerras medas e morte de Dario I (549-487); 3.º Persia, periodo de decadencia da morte de Dario I até Dario III (487-330).

IV.— HISTORIA DA MEDIA ATÉ Á SUA ANEXAÇÃO Á PERSIA.— As tribus. (3) indo-europeas quando se estabeleceram na Media não estavam ligadas por nenhum laço politico, e eram governadas

(1) A Carmania, na antiguidade era incluída na Persia. (G. Rawlinson *The Five Great Monarchies of Ancient Eastern World*, tom. III. pag. 86.)

(2) Data (549) adoptada por Sayce e Delattre.

(3) Segundo Herodoto os medas dividiam-se em seis tribus, os Buses, Paretacenes, Struchates, Arizantes, Budios e Magos.

por chefes independentes (1). Esta falta de união facilitou a conquista do paiz pelos Assyrios.

Os primeiros monarchas assyrios, que levaram as suas armas até ás fronteiras da Media e talvez tivessem submettido algumas das suas tribus, foram *Salmanasar II*, *Shamshiram* e *Ramaninirar III* que conquistou uma parte do paiz.

Depois de uma interrupção essas expedições renovaram-se no reinado de *Teglatphalassar II* que submetteu e occupou os cantões do oeste impondo tributo a outros, *Salmanasar V* estabeleceu colonos israelitas na Media e *Sargon* teve que submeter a revolta de alguns cantões, recebendo tributo de quarenta e cinco chefes medas.

Nos reinados de *Sennacherib* e de *Asarhaddon* cujas conquistas foram dirigidas para o oeste e para o sul, grande parte dos Medas recuperaram a independencia, que se tornou completa no reinado de *Ashshurbanipal*.

Já no reinado de *Sennacherib Djoces* chefe de uma das tribus medas conseguira fundar um pequeno principado independente.

Phraortes (2) seu successor conseguiu reunir, pelo

(1) A existencia de um elemento *turaniano* preponderante na Media e modificador do elemento civilizador *arya* e ao qual pertenciam os magos, parece não poder mais ser aceita. (*Max-Duncker Geschichte des Alterthums* 5 ed. tom. IV. note 3) Delattre (*Le peuple et l'empire des medes* pag. 6... 44) Darmesteter (*Coup d'œil sur l'histoire de la Perse* pag. 14 ... 15.)

(2) A existencia de *Djoces* e de *Phraortes* é aceita por Delattre (*Le peuple et l'empire des Medes*) pag. 129-146... pag. 167-175.) por Spiegel. (*Eranische Alterthumskunde* tom. II pag. 250-251), Max Duncker (*Geschichte des Alterthums* 5 ed. tom. IV. pag. 5, 247.) F. Lenormant.

anno 640, os chefes dos differentes cantões medas. Alliou-se depois com as tribus persas, entre as quaes os *Achemenides* exerciam já grande preponderancia, afim de defender a independencia commum contra os Assyrios.

Kyaxares filho de *Phraortes* excedeu-o pelas suas qualidades guerreiras. Depois de ter submettido os Parthas que se haviam rebellado alliou-se com o chaldeu *Nabupulussur* contra os Assyrios. Tendo vencido estes sitiou Ninive; mas foi obrigado a levantar o sitio por causa de uma invasão de Scythas o que impediu por alguns annos a realisação de seus intentos. Expulsos os Scythas os Medas e Babylonios sitiaram novamente Ninive que finalmente cahiu em seu poder sendo completamente arrasada (606). ⁽¹⁾

O Imperio Assyrio foi dividido entre os vencedores; occupando os Medas a Assyria.

Lettres assyriologiques 1^{re} serie tom. I. pag. 64-72 Babelon (*Histoire ancienne de l'Orient de F. Lenormant 9^e ed. tom. V. pag. 421-428*; Sayce accceita a existencia de Djoces mas não falla de Phraortes. (*The ancient empires of the East pag. 230.*)

Apenas G. Rawlinson (*The Five Great Monarchies of the Ancient Eastern World pag. 380-383 4 ed.*) e Maspero (*Histoire ancienne des peuples de l'Orient 4^e ed pag 495-508*) dentre escriptores, que conhecemos são os unicos que negam esta existencia.

A identificação do Djoces e de Dayakiku principe do paiz dos Mânis e contemporaneo de Sargon proposta por F. Lenormant (*Lettres assyriologiques tom. I. 55 e seguintes*) é rejeitada por G. Rawlinson (*The Five Great Monarchies 4^o tomo II pag. 383 nota 7*) que diz não haver razão para considerar os Minnis como Medas e por Delattre (*Le peuple et l'empire des Medes pag. 146 not. 1*).

(1) É data de Babelon (*Histoire ancienne de F. Lenormant, 9 ed. tom. 5 pag. 431 not. 11*). Segundo os abreviadores de Berosse em 625 ou 610; segundo o livro dos reis 609; segundo o livro de Tobias em 604 e segundo Herodo em 600.

Depois da tomada de Ninive *Kiaxares* emprehendeu uma guerra contra a Lydia, (584) que terminou por um tratado com esta nação e morreu em 584.

Astyages (Ishtuvegu) seu filho, cujo reinado durou trinta annos, não se assignalou por nenhuma acção notavel; príncipe de genio pouco guerreiro não poude resistir á revolta dos Persas, e quando pretendia submettel-os o exercito meda revoltando-se entregou-o ao rei dos Persas *Kyros*. Este entrando depois em Ecbatana entregou a cidade a saque. (549)

V.— A PERSIA ATÉ O REINADO DE DARIO I.—Os persas estavam divididos em dez tribus (1) sendo as mais notaveis: a dos Achemenides na qual era escolhido o rei e a dos Pasargades que constituia a nobresa.

Uma familia da tribu dos Achemenides, cujo chefe foi *Teispês*, conseguiu fazer predominar a sua supremacia sobre as outras tribus; *Teispês* ou algum dos seus successores conquistou uma parte do Elam, o paiz de Anzan do qual tomou o titulo de rei independente, emquanto que, como soberano dos Persas, conservava-se vassallo da Media.

Kyros (2) (*Kurush*) bisneto de *Teispês* rebellou-se

(1) Pasargades, Maphians, Maspianos sendo a mais nobre a primeira, dos Achemenides que fornecia os monarchas persas os Panthialeanos, Derusieanos, Germanianos agricultores, Dropicanos, Sagarcianos, nomades.

(2) Sobre a origem de *Kyros* os historiadores antigos conservaram diversas tradições mais ou menos maravilhosas. Uma destas tradições fazia de *Kyros* filho de uma cabreira e de um membro da tribu dos Mardes que vivia de rapinas. Enviado como chefe contra os Cadusios de accordo com, persa *Cebaras* conspirou contra a Media declarando-se pouco

contra o rei da Media, cujo exercito revoltando-se entregou-o ao chefe rebelde. Ecbatana foi posta a saque, e no mesmo anno a tomada de Arbelles poz termo á independencia da Media.

Kyros (549-529 ?). A primeira campanha de *Kyros*, sem contar uma expedição contra a Babilonia na qual se limitou a animar o descontentamento dos subditos de *Nabunahid* e preparar a futura conquista deste paiz, foi contra *Kresos*, rei da Lydia, que se alliara com os Lacedemonios e com o rei da Babilonia para resistir ao dominio persa.

Kyros depois de ter atravessado o *Halys* marchou contra Sardes, capital da Lydia, vencen o exercito lydio e apoderou-se desta cidade, depois de um sitio de quatorze dias. A submissão do resto da Asia menor foi realisada pelo seu general *Harpago*, enquanto o rei dos Persas emprehendia algumas expedições contra as tribus da Bactriania e de outras regiões do Oriente.

Vencidos estes povos voltou as suas armas contra Babilonia, onde o descontentamento dos

depois em rebelião venceu *Astyages* que fez prisioneiro e depois de ter morto a *Spitamas* genro deste despota e a sua noiva *Amytis* e fez-se proclamar rei em lugar de seu sogro.

Segundo outra tradição, conservada por *Herodoto*, *Kyros* era neto de *Astyages* nascido do cazamento da filha deste rei *Mandane* com o chefe persa *Kambyses*. Receando depois do sonho, que teve, que seu neto o desthronasse *Astyages*, confiou-o logo depois de nascer a *Harpagos* para que o fizesse perecer porém este limitou-se a abandonal-o em um bosque onde depois de ter sido amamentado por uma cadella, animal sagrado para os Persas, foi recolhido por um pastor.

Crescendo reconheceu que era o neto de *Astyages* ao qual não tardou em desthronar.

subditos de *Nabunahid* lhe facilitou a conquista. Derrotados os Chaldeos em Rutum, Sippara abriu as portas aos vencedores que, em seguida entraram em Babylonia sem encontrar resistencia. *Nabunahid* entregue pelos seus morreu poucos dias depois da tomada da cidade.

A quéda de Babylonia foi seguida pela submissão aos Persas dos povos vassallos deste imperio : Syrios, Arabes e Phenicios.

O rei da Persia preparava uma expedição contra o Egypto, a unica monarchia de todo o Oriente que ficara incolume quando morreu. (1)

Kambyzes (Kambuzia II) — (529-521). *Kyros* deixara a corôa a seu filho mais velho *Kambyzes* cabendo a *Bardiya* (Smerdis) irmão mais moço deste o governo do algumas provincias. O novo principe antes de emprehender a guerra contra o Egypto, que seu pai lhe legara, receando que, na sua ausencia, seu irmão usurpasse o throno, mandou o assassinar secretamente.

Livre deste cuidado marchou contra os Egypcios a cujo throno se julgava com direito por haver desposado a *Nitetis* filha de *Uahibri* que fôra desthronado por *Ahmos II*. Este usurpador

(1) São desencontradas as tradições sobre a morte de *Kyros*. Herodoto conta que tendo-lhe *Tomyris* rainha dos Massagetas recusado a sua mão *Kyros* marchou contra ella venceu e aprisionou o seu filho *Spargapises* que se suicidou de desgosto. Dando-se outra batalha os Persas foram vencidos perecendo *Kyros*.

Segundo *Xenophonte* *Kyros* morrera em seu leito rodeado de seus filhos.

morrera e occupava o throno seu filho *Psamitik* quando os Persas chegaram á fronteira. Os Egypcios foram vencidos em Pelusa e Memphis abriu as portas a *Kambyzes* depois de um curto assedio. O rei egypcio foi enviado prisioneiro para Susa onde morreu.

Vencido o Egypto *Kambyzes* pretendeu conquistar a Ethiopia e submeter Carthago; mas como estas expedições se mallograram, vingou-se deste resultado sobre os Egypcios que opprimiu cruelmente.

Marchava para a Asia quando soube que um mago *Gaumatâ*, conhecedor do secreto assassinato de *Bardiya*, e aproveitando-se da sua semelhança com este usurpára o throno e fôra reconhecido como filho e successor de *Kyros* pela Media e pela Persia. Quando pretendia ir castigar o usurpador morreu de um modo mysterioso. (1)

Darios I (Daryavus) — (521-487). O mago *Gaumatâ* conseguiu, illudindo a todos, occupar o throno seis mezes ao cabo dos quaes, reconhecido como impostor, foi destronado e morto por *Darios* filho, de *Viçtaspa* satrapa da Hyrcania e da familia dos Achemenides, que organisara uma cons-

(1) Segundo Herodoto dos resultados de um ferimento da sua espada na coxa quando montava a cavallo. A inscrição de Behistun parece dar a entender que se suicidou. (Maspero *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient* 4.^{em} ed. pag. 605 nota 4.)

piração na qual haviam entrado mais seis chefes das principaes familias da Persia.

Reconhecido como rei depois do assassinato de Gaumatâ *Darios* teve que firmar a sua autoridade sobre quasi todas as provincias do imperio, onde numerosas revoltas se manifestaram.

Na Babylonia *Nadintavbel* intitulado-se filho de *Nabunahid* cingiu a corôa ; na Susiania um outro usurpador tornou-se independente.

O primeiro foi vencido e morto por *Darios* nas margens do Euphrates, e a Susiania depressa se submetteu, porém, a estas revoltas seguiram-se as da Media onde *Sattarita*, que pretendia descender de *Kyaxares*, proclamou-se rei, e as da Margiania, e da Armenia, que pretendiam recuperar a sua independencia. Estas revoltas só no fim de seis annos poderam ser vencidas.

Restabelecida a unidade do imperio *Darios* empreendeu duas grandes expedições : a primeira, com o fim de alargar as fronteiras do imperio, teve por theatro a India, onde fundou uma nova provincia, mandando explorar por uma esquadra que desceu o Indo sob o commando do almirante grego *Skylax de Karyanda* as costas da Gedrosia e da Arabia ; a segunda foi dirigida contra os *Scythas* para pôr termo ás suas continuas incursões nas fronteiras septentrionaes do imperio. Atraves-

sado o Bosphoro sobre uma ponte de barcos os Persas penetraram na Europa em perseguição dos Scythas e sem ferir uma unica batalha chegaram até ao centro da Russia. Esta expedição deu em resultado a conquista da Thracia, que constituiu uma nova provincia, e a submissão da Macedonia.

As ultimas conquistas dos Persas na Europa puzeram em contacto a Persia e a Grecia e a luta entre os dous paizes rompeu pouco depois. A revolta das cidades gregas da Jonia a cuja frente estava *Mileto* foi a origem desta guerra. Alliados aos Athenienses os Jonios tomaram e incendiaram Sardes ; mas a victoria foi ephemera, porque vencidos no mar pela esquadra persa tripolada por Phenicios foram obrigados a submetter-se novamente á Persia.

Darios não foi tão feliz quando pretendeu punir os Athenienses. A primeira expedição pereceu quasi totalmente nas costas da Thracia e a segunda, tendo conseguido desembarcar na costa occidental da Attica, foi completamente derrotada em Marathona. Estes revezes foram seguidos da revolta do Egypto, morrendo *Darios* quando a integridade de seu imperio estava seriamente ameaçada.

VI.— A PERSIA ATÉ Á MORTE DE DARIO III.— *Xerxes* (Khshayarsha) — (485-465) Este principe, depois de haver submettido o Egypto, tentou

vingar a derrota de Marathona, dirigindo elle proprio uma poderosa expedição contra os Gregos. Um exercito de um milhão e setecentos mil homens invadió a Europa pelo Bosphoro, ameaçando aniquilar a Grecia.

As victorias navaes de Salamina e de Mycale alcançadas pelos Gregos a derrota do exercito persa em Plateas puzeram termo a invasão. A esta guerra desastrosa seguiu-se uma revolta do Egypto que se alliou com Athenas, em 466 uma frota atheniense derrotou completamente a esquadra dos Persas na foz do Eurymedon. Este triste reinado terminou com o assassinato de *Xerxes* pelo eunucho *Aspamitres* e capitão das guardas *Artabanos*.

Artaxerxes (Artakhshathra) — (465-425). — As revoltas da Bactriana e do Egypto, que rebentaram no começo deste reinado, foram debelladas difficilmente.

A guerra com a Grecia, que continuava, não era favoravel para os Persas. Tendo os Gregos conseguido, depois de haverem derrotado uma esquadra phenicia apoderar-se da ilha de Chypre, *Artaxerxes* procurou por todos os meios a paz, a qual obteve mediante condições vergonhosas (449).

Os ultimos annos deste reinado foram perturbados por numerosas revoltas.

Darios II. — 425-405 — *Xerxes*, que devia suc-

ceder a seu pai, foi assassinado, depois de um reinado de quarenta e cinco dias, por seu irmão *Sogdianos* filho natural de *Artaxerxes*, o qual apenas governou seis mezes sendo morto por um outro filho natural do mesmo rei, *Okhos*. Este que tomou o nome de *Darios* venceu differentes revoltas de satrapas, que foram punidos com grande severidade.

Aproveitando-se do desastre que, durante a guerra do Peloponeso, os Athenienses tinham soffrido na Sicilia, quebrou o tratado assignado com a Grecia e impoz novamente tributo ás cidades gregas da Asia-Menor.

Artaxerxes II (*Artakhshathra*)—405-359—Succeceu a pai, apezar dos esforços de sua mãe *Parysatis*, que pretendia collocar no throno seu outro filho *Kyros*. Este principe depois de uma tentativa mallograda de assassinato contra seu irmão, retirou-se para a Asia-Menor, onde conseguiu reunir um exercito de treze mil mercenarios gregos e de cem mil soldados indigenas.

Á frente deste exercito marchou contra *Babylonia*, encontrando as tropas reaes em *Cunaxa* onde foi vencido, perecendo no combate; os soldados indigenas dispersaram-se; mas os mercenarios conseguiram retirar-se para a Europa, atravessando a *Assyria* e a *Armenia* até ás costas do *Ponto-Euxino*: realisando a gloriosa retirada dos dez mil.

Aproveitando-se desta luta, a Mysia, a Pisidia e a Paphlagonia tornaram-se independentes e os Spartanos, protectores das colonias gregas, sob o commando de *Derkyllidas* e de *Agesilaos* ameaçaram a Persia. *Artaxerxes* conseguiu conjurar este perigo alliando-se com os Athenienses e obrigando Sparta a assignar o malfadado tratado de *Antalkidas*, que firmava novamente o dominio persa na Asia-Maior.

Artaxerxes III. Okhos—359-338. — Auxiliado pelos dois generaes, o eunucho persa *Bagoas* e o grego *Mentor* de Rhodes, *Okhos* conseguiu vencer as revoltas do Egypto e da Phenicia, destruindo *Sidon*, que se pozera á frente das cidades rebeldes.

Para recompensar os serviços destes dous servidores confiou a *Mentor* o governo das provincias maritimas e a *Bagoas* a administração interna. Este exerceu-a durante seis annos, ao cabo dos quaes envenenando a *Okhos* collocou no throno a um irmão do monarcha assassinado *Arses*, o qual dous annos depois fez perecer com seus filhos para dar a corôa a um seu protegido *Codomanos* que tomou o nome de *Darios*.

Darios III. (336-330)—*Darios Codomano* pouco reinou; elevado ao throno no mesmo anno do que *Alexandre Magno* não pode resistir á fortuna do heroe macedonico; vencido successivamente em

Granico, Issos e Arbelles pereceu ás mãos de um dos seus satrapas, terminando com elle o imperio persa.

VII. — CIVILISAÇÃO — 1.º *Organisação politica e social.*—No imperio persa como em todas as monarchias orientaes, o poder do rei era illimitado, o solo propriedade sua e os impostos pertenciam ao erario real.

A monarchia dividia-se em extensas provincias, *satrapias*, (1) constituídas pelos paizes conquistados, que conservavam o seu governo e administração propria; mas dependentes de um poder superior, formado por tres funcçionarios, nomeados por tempo indeterminado, pelo rei da Persia: o *satrapa*, o *secretario real*, o *chefe das tropas*, os quaes se vigiavam mutuamente. As satrapias eram visitadas annual e inesperadamente por officiaes denominados *olhos e ouvidos do rei*. Cada uma destas provincias, segundo a sua extensão e riqueza, era obrigada a pagar um tributo annual, parte em dinheiro e parte em producções; para facilitar este pagamento *Darios* mandou cunhar uma moeda de ouro *darica* (2).

(1) Na época da criação as *satrapias* eram vinte e tres, porém o seu numero variou; *Darios* menciona vinte e tres na inscripção de Behistun e vinte e nove na do seu tumulo em Naksh-i-Rustam.

(2) As moedas de ouro tambem eram destinadas para o pagamento do soldo ao exercito, e as de prata para a armada. (F. Lenormant *La Monnaie dans l'antiquité* vol 1 pag. 115.), além das *daricas* as provincias vassallas tinham as suas moedas particulares, o direito de cunhagem no imperio Persa era considerado como municipal e as *daricas* só eram cunhadas nas provincias directamente administradas pelos agentes reaes.

Pouco se sabe da legislação criminal da Persia ; conservando-se comtudo algumas disposições notaveis : o calumniador soffria a pena em que incorreria o calumniado ; a pena de morte só era applicada na repetição do mesmo delicto.

Não haviam castas e todas as classes podiam aspirar ás mais elevadas posições.

A polygamia era permittida, a educação muito desprezada ; havendo comtudo rigorosa etiqueta, o luxo era excessivo, principalmente na côrte ; os divertimentos preferidos eram os banquetes e as caçadas em propriedades cercadas (*paradeisoi*). O exercito além dos contingentes dos paizes vassallos compunha-se da guarda real, formada por um corpo de dez mil infantes (*os immortaes*) e dous mil cavalleiros ; a esquadra era tripolada por marinheiros phenicios.

2.º *Sciencias Litteratura e Artes.* A escripta monumental adoptada na Persia era a *cuneiforme*, muito mais simples do que os cuneiformes assyrios-babylonicos ; pois quasi todos os caracteres eram *alphabeticos*. A *litteratura* incluindo a scientifica exceptuando os trechos mais antigos do *Avesta* perdeu.

Artes. (1) As artes principalmente a architectura revella decisiva influencia das cidades gregas

(1) A influencia assyrio-babylonica geralmente aceita sobre a arte persa deve ser regeitada pelo menos emquanto ao periodo anterior a Darios I. (M. Dieulafoy *L'Art antique de la Perse* 1.º et 2.º partie 1884).

da Asia-Menor, cujos architectos dirigiram as edificações dos primeiros monarchas achemenides. Os monumentos mais notaveis eram palacios reaes sobresahindo o palacio de *Kyros* (1) em Pasagadae os de *Darios* de *Xerxes* e de *Okhos* em Presopolis.

Os tumulos dos reis achemenides, cavados na rocha não ostentavam a grandeza dos tumulos egypcios.

3.º *Religião.* A religião dos Medo-Persas pouco differia da religião primitiva dos Hindo-Iranianos: adoravam um deus celeste superior, *Ahura-Mazda* e acreditavam na existencia de seres divinos *Bagas*, inferiores a *Ahura-Mazda*; mas tendo poder para proteger e defender os imperios.

Ao lado da religião official, na Media, os Magos, principalmente nos centros religiosos de Shíz, na Media Atropatene e de Rhai na Media propria, haviam elaborado uma religião o *Mazdeismo* (2) da qual consideravam como fundador a *Zoroastro* e cujos dogmas e preceitos foram escriptos no *Zend-Avesta*. (3)

(1) E' em duas pilastras deste palacio que está a celebre inscripção em tres linguas «Eu Kyros rei achemenides».

(2) Que o mazdeismo era a religião dos Magos e não dos reis achemenides parece provado por Darmesteter *The Zend Avesta introdução Etudes Iraniennes*, vol. 1 pag. 7-14. D'Harlez (*Avesta introdução—Les origines du Zoroastrisme—etc.*).

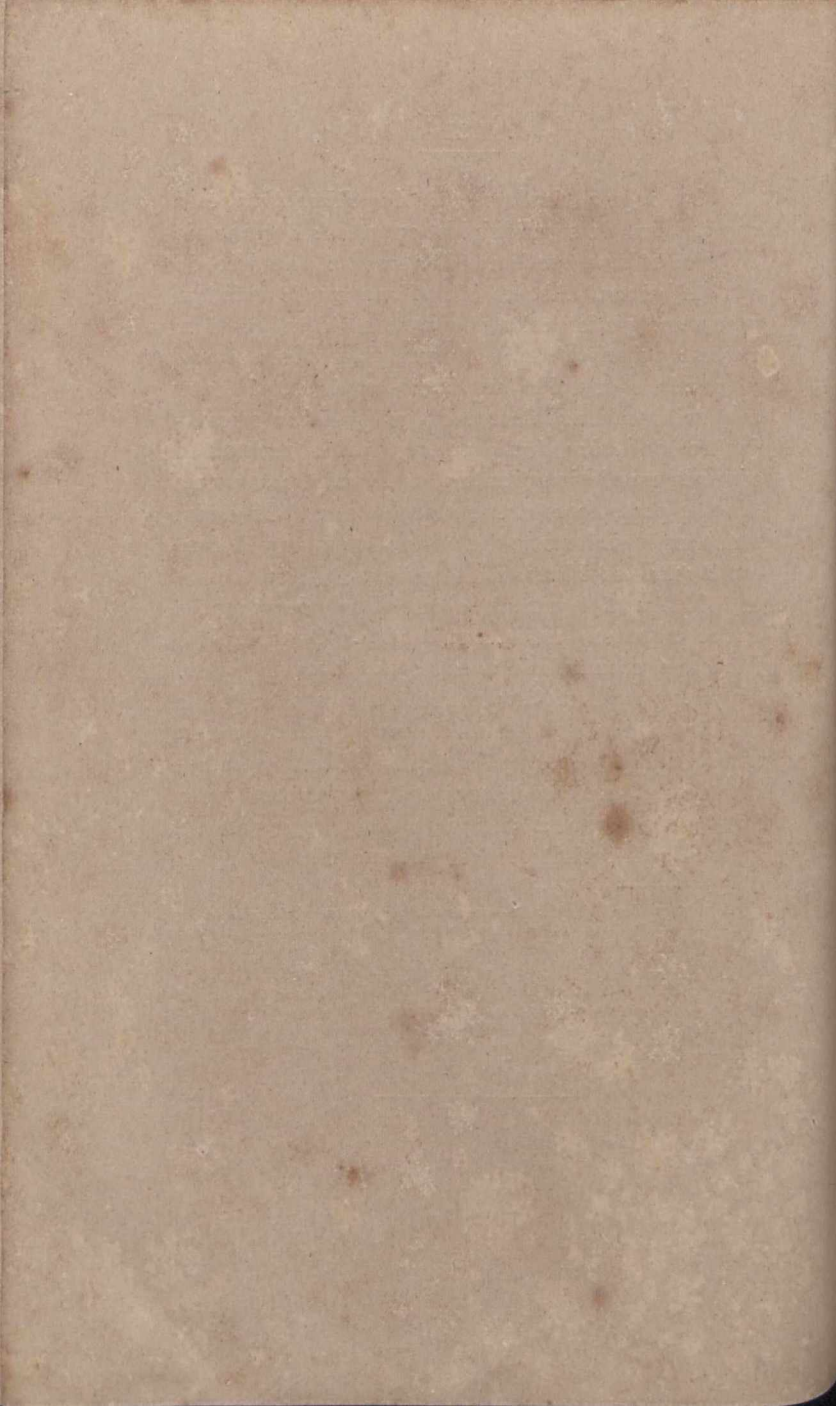
3 *Avesta* O livro sagrado dos parsis divide-se em duas partes: o *Avesta* propriamente dito contendo o Vendidad compilação de leis religiosas e de mythos: o *Visperád* collecção de preces para serem pronunciadas na occasião do sacrificio; o *Yasna* contendo tambem preces de cinco hymnos ou *Gatras* escriptas num dialecto mais antigo do que a lingua do resto do livro; a segunda parte do *Avesta* geralmente denominada *Khor-da Avesta* ou *Pequeno Avesta* contém preces para serem recitadas em diversas occasiões.

O dogma fundamental do *Mazdeismo* é a crença em dois principios oppostos: o principio do bem *Ahura-mazda* em luta com o principio do mal *Ahriman*. Abaixo de *Ahura-mazda* existiam innumerous genios celestes que se dividem em duas classes: os seis *Ameshâ-Cpentas* (santos immortaes) formando o conselho de *Ahura-mazda* e os *Yazatas* ou genios celestes, dentre os quaes *Mithra* personificação do *ether luminoso*, cujo culto mais tardê adquirio grande importancia, os *Fravashis* typos celestes e protectores dos differentes seres. Os genios maleficos inferiores a *Ahirman* eram os *Devas*, os *Drujes*, os *Yâtus*, os *Parrikas* e *Janis*.

O Avesta ensinava a existencia de penas e de recompensas numa outra vida. Os cadaveres não eram enterrados mas expostos ás aves de rapina. O culto não exigia templos e estava a cargo de sacerdotes denominados *Atharvans* (homens sacerdotes do fogo) comprehendendo differentes categorias e cujas funcções principaes eram a conservação do fogo sagrado a celebração das ceremonias do culto, dos sacrificios e das purificações.

A palavra *Zend* significa commentario e é por um abuso que se diz lingua *Zend*, sendo preferivel dizer lingua do Avesta. Avesta deriva da antigo persa Abasta e Avesta e *Zend* *deîn* (*lei e commentario*) em vez de *Zend-Avesta*.

Parece provado que o *zend* era a lingua da Media. A lingua, em que estão escriptas as inscrições da segunda columna dos monumentos era a do paiz de Azan, que no tempo de Teispes foi conquistado pelos achemenides; ou onde segundo outra hypothese teria reinado Kyros, emquanto que um outro ramo da sua familia, ao qual pertencia Darios, occupava o throno da Persia.



CIVILISAÇÕES PRE-SEMITAS

I

EGYPCIOS

| | Pag. |
|--|------|
| I. — O Egypto.. | 1 |
| II. — Habitantes primitivos.. | 2 |
| III. — Divisão da história dos Eypcios.. | 2 |
| IV. — Periodo Memphita | 3 |
| V. — Periodo thebano: Primeiro imperio thebano .. | 5 |
| VI. — Hycsos | 7 |
| VII. — Periodo thebano: Segundo imperio thebano .. | 9 |
| VIII. — Periodo saíta: Primeiro periodo | 17 |
| IX. — Periodo saíta: Segundo periodo | 24 |
| X. — Civilização.. | 26 |

II

BABYLONIOS E ASSYRIOS

| | Pag. |
|--|------|
| I. — A Babylonia e a Assyria | 35 |
| II. — Habitantes primitivos | 36 |
| III. — Divisão da Historia dos Babylonios e Assyrios.. | 36 |
| IV. — Primeiros estados Chaldaicos.. | 37 |
| V. — Primeiro Imperio Assyrio | 39 |
| VI. — Segundo Imperio Assyrio | 41 |
| VII. — Imperio Chaldaico | 46 |
| VIII. — Civilização.. | 48 |

CIVILISAÇÕES SEMITAS

I

ISRAELITAS

| | Pag. |
|---|------|
| I. — A Palestina | 57 |
| II. — Habitantes primitivos.. | 58 |
| III. — Divisão da Historia dos Israelitas em periodos.. | 58 |
| IV. — As origens | 59 |
| V. — Os Juizes.. | 63 |
| VI. — A monarchia até á separação das tribus.. . . . | 65 |
| VII. — Reino de Israel | 69 |
| VIII. — Reino de Judá.. | 71 |
| IX. — Civilização.. | 75 |

ERRATAS

- Pag. 7 Linha 16 — Shebana leia-se Thebana.
» 12 » 7 — o leia-se o seu.
» 16 » 2 — Fgypto leia-se Egypto.
» 16 » 22 — e estes leia-se e a estes.
» 58 » 1 — canaes leia-se cumes.

J. B.
~~OBRAS RARAS~~

07774/111
D. Heladio T. Monteiro
26-09-85. CR\$ 50.000

